

Um homem
e seu lugar
Exemplo de cidadania

*Um homem e
seu lugar*
EXEMPLO DE CIDADANIA

MIRIAM KÊNIA DE CARVALHO



Sumário

PREFÁCIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - O OLHAR DA CIDADANIA	14
CAPÍTULO II - A RESISTÊNCIA ALEGRE.....	32
CAPÍTULO III - O MARCO DO MOVIMENTO	50
CAPÍTULO IV - CULTURA: UM ATO DE CIDADANIA.....	64
CAPÍTULO V - SEM ACORDO: A RESISTÊNCIA NÃO SE ABALA	80
REFERÊNCIAS	100

EXPEDIENTE DO LIVRO

Pesquisa, Edição e Redação: Miriam Kênia de Carvalho

Produção: Laudiene de Figueiredo Alcântara

Fotografias, Produção e Edição de Imagens: Márcia Helena Lopes Gazolla

Projeto Gráfico: 22 Graus Comunicação e Marketing

Curadoria: Compreender Consultoria em Responsabilidade Social

Direção Administrativo-financeira: Lais Alamy Botelho

Revisão: Denise Werneck

EXPEDIENTE DO PROJETO

Coordenação Técnica: Mônica Botelho Maldonado

Gestão do Contrato: Lais Alamy Botelho

Assessoria Institucional: Laudiene de Figueiredo Alcântara

Consultoria Técnica: Karla Roque Miranda Pires

Jornalista: Miriam Kênia de Carvalho

Fotógrafa: Márcia Helena Lopes Gazolla

É autorizada a reprodução deste material,
desde que citada a fonte.

Realização:



Projeto executado em parceria com o Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG), por meio da plataforma Semente, com recursos de medida compensatória ambiental.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C331h Carvalho, Miriam Kênia de.
Um homem e seu lugar: exemplo de cidadania / Miriam Kênia de Carvalho. – Belo Horizonte, MG: Compreender, 2023.
100 p.

ISBN 978-65-5872-446-9

1. Dom Joaquim (MG) – História. 2. Patrimônio cultural – Preservação. I. Título.

CDD 981.51

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Prefácio

Conheci Dom Joaquim por acaso, mas logo me encantei com o local. Foi só de passagem, mas a atmosfera da cidade era de tanta tranquilidade que contagiava. E agora recebo este presente de poder prefaciá-lo livro dedicado às ações do patrimônio cultural na cidade.

O patrimônio cultural é um valor que existe em qualquer comunidade e que até pode ser reconhecido pelas instâncias de governo através de leis e decretos, mas, hoje, já temos consolidado o entendimento de que tudo depende do reconhecimento que a sociedade tem daqueles bens culturais que trazem significado a cada um dos moradores do local. São referências culturais para a comunidade. Não são decretos ou atos administrativos que levam à preservação e, sim, o olhar atento da população, destacando aquilo que mais a representa, que mais traz significado simbólico do lugar, seja uma construção, seja uma festa, seja uma arte.

Quando falamos de patrimônio cultural falamos de luta e é isso que testemunhamos nas próximas páginas desta publicação. Luta difícil, longa, mas que, no final, é vitoriosa e, mais ainda, deixa um lastro de consciência e cooperação

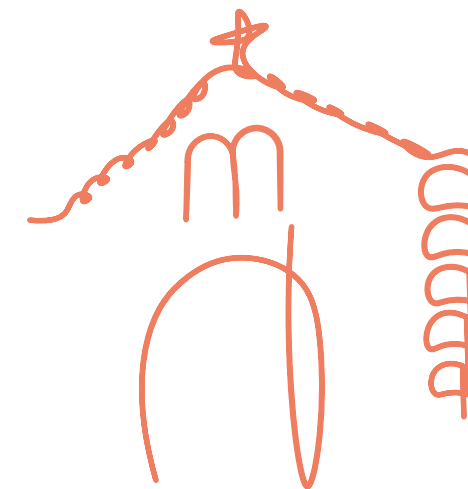
na comunidade. Aqui, será relatada persistente batalha empreendida em prol da integridade do patrimônio cultural. O que a obra nos apresenta, em síntese, é a importância do olhar, de conseguir ter “olhos para ver”. E a possibilidade de harmonizar desenvolvimento com preservação. Acredito que sempre teremos um caminho para o entendimento, estabelecendo um equilíbrio entre os interesses. Mas, nesta busca, todos temos que ceder um pouco.

E o que nos transmite o relato? A importância de colocar para as ações de desenvolvimento a variável do reconhecimento das referências culturais da comunidade que, às vezes, estão tão presentes que nem as destacamos no cotidiano, somente quando são ameaçadas. E a importância da participação constante e vigilante de toda a comunidade.

“A própria comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”¹, já nos ensinava Aloísio Magalhães².

Célia Maria Corsino

Museóloga e Coordenadora Geral do Museu de Ciências da Terra (MCTer/RJ). Serviço Geológico do Brasil/Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - SGB/CPRM



1 - FREITAS, 1997, p. 92.

2 - Aloísio Barbosa Magalhães (Recife/PE, 1927-1982). Precursor do Design Gráfico no Brasil.

Introdução

À primeira vista, a história relatada nas próximas páginas até parece se limitar a um fato pitoresco. Um senhor, com fortes vínculos com sua terra natal, resolve lutar contra duas gigantes multinacionais de telefonia celular para defender o patrimônio histórico-cultural e paisagístico da sua pequena cidade no interior de Minas. Mesmo com essa delimitação, o fato já poderia ser classificado como uma grande façanha.

Acontece, todavia, que os eventos que envolvem essa batalha, protagonizada por Seu Domingos Xavier, superam as expectativas iniciais do leitor. Vão muito além. Trazem à tona dimensões complexas do poder das grandes corporações e, em contrapartida, a força da resistência de uma comunidade mobilizada e bem articulada em prol da defesa dos seus direitos.

Foi mais de uma década de luta, desde o começo da articulação para a retirada das antenas que nublavam a tradicional Capela do Padre Bento, no Morro da Palha, na pequena Dom Joaquim. O local, cartão-postal da cidade, foi

agredido pela instalação de duas torres metálicas das operadoras de telefonia celular. Os moradores ficaram indignados com a perda da tradicional cena da igreja, no morro, que faz parte da história da cidade desde a sua fundação até os dias atuais, com festas religiosas tradicionais, encontros dos jovens, brincadeiras das crianças e muitas rezas. As antenas atropelaram a tradição.

A chegada da tecnologia era desejada pela comunidade; isso era inquestionável. O pedido da população era simples. Queriam, apenas, que as antenas fossem realocadas para qualquer um dos outros locais disponíveis na região, sem comprometimento da qualidade dos serviços prestados.

A demanda pela preservação do patrimônio, durante anos, foi ignorada pelas empresas, que respondiam à comunidade em tom de desprezo. A população não se intimidou. Fortaleceu-se, uniu-se, buscou que os representantes das esferas política e jurídica atuassem em defesa dos seus direitos quanto à preservação do patrimônio cultural de Dom Joaquim. Foram 12 anos sem fraquejar, sem desistir.

Conseguiram. As antenas foram retiradas. A Capela do Padre Bento voltou a ocupar o lugar de destaque na cidade.

O movimento em defesa do patrimônio histórico, cultural e paisagístico de Dom Joaquim se revela na trajetória da luta de Seu Domingos e dos moradores da cidade, aprendizado e inspiração para os cidadãos defenderem seus direitos e demandas. Mostra, ainda, a relevância que o patrimônio cultural tem para a formação da cidadania, pertencimento coletivo e para a preservação das cidades. E, por último, mas não menos importante, deixa claro que desenvolvimento e preservação podem andar juntos.

Este livro compõe o conjunto de materiais – livro e cartilha – resultantes da pesquisa realizada. Trata-se de uma iniciativa do Ministério Público, por meio da Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, no sentido de registrar a luta empreendida ao longo de mais de uma década, cujo legado se materializa, agora, em formato de literatura.

Boa leitura!!!!



“O patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade, e estimulante para o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica” (IEPHA, 2007).



O olhar da cidadania

Era o marco da sonhada volta para casa. Em 2008, naquela manhã de outono, o aposentado Domingos Francisco Xavier, na época com os seus 73 anos, pegou a estrada, mais animado do que de costume. Partiu rumo à terra natal, a sua querida Dom Joaquim. O trajeto, cerca de 200 km de distância da capital mineira, Belo Horizonte, mesmo com o nevoeiro típico que cobre a Serra do Espinhaço nessa estação do ano, era bem familiar. Apesar de morar há décadas

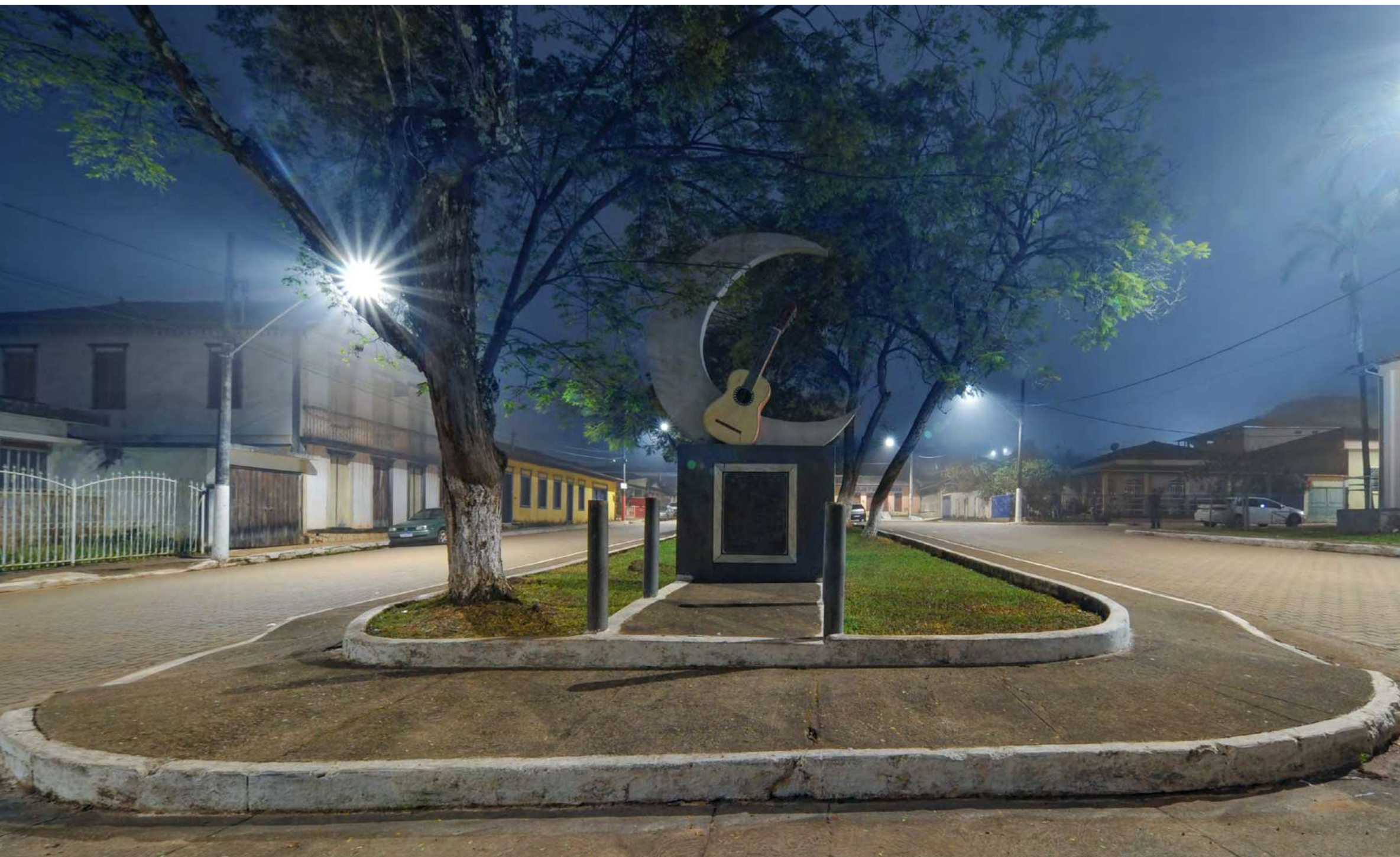
em Belo Horizonte, Seu Domingos, como é conhecido pelos amigos, parentes, vizinhos e moradores, fazia e faz questão de cultivar seus vínculos e afetos, com visitas frequentes a Dom Joaquim. “Demorei 25 anos para conseguir voltar pela primeira vez; depois, não parei mais. Gosto de apreciar as belezas, me sentir em casa e rever os amigos”.

A peculiar Dom Joaquim, com os seus 4,5 mil habitantes, faz parte do Circuito Turístico Parque Nacional da Serra do Cipó. A cidade resguarda a Área de Preservação Ambiental Gameleira, com cachoeiras, trilhas e o espaço de lazer na Barragem Recanto da Represa. Contudo, dentre os seus atrativos, a Capela do Padre Bento, no Morro da Palha, é o principal destaque. Sua localização privilegiada possibilita que a Capela seja avistada de todos os cantos da cidade, o que lhe garante o

título de cartão-postal de Dom Joaquim. A composição da paisagem da Capelinha no topo do Morro da Palha, cena tipicamente mineira, ganhou fama e afeição. Virou símbolo de Dom Joaquim, estampada nas logomarcas dos produtos artesanais, passando pelos marcos turísticos, e está presente até mesmo na identificação dos serviços municipais. Ou seja, a vista é a “identidade” da cidade.

O local também é um mirante espetacular, onde é possível apreciar toda a cidade abraçada, no seu entorno, pela imponente Serra do Espinhaço. Com essa vista singular, esse espaço coleciona muitas histórias entre os moradores “das antigas”. Boas lembranças das brincadeiras de infância, dos círculos de amizade, dos encontros de família, dos amores, das rodas de violão, dos festejos e de muita fé. E permanece como ponto de encontro





para as crianças soltarem papagaio, para rodas de conversa dos jovens, para os piqueniques familiares e, por último, para os tradicionais festejos religiosos.

Apesar da emoção recorrente diante da perspectiva dos reencontros, na cidade, essa visita, no ano de 2008, era bem diferente para Seu Domingos. Ele, que nasceu, como define, em “uma casa modesta levantada pelo meu pai em terras alheias”, iria agora escrever mais um capítulo da história ancestral da sua família em Dom Joaquim. Seu progenitor, João Bento, um “preto forte”, construiu a casinha da família nas terras da fazenda que pertencia à Dona Zica, onde trabalhou por toda a sua vida.

Porém, quando Domingos Xavier tinha apenas seis anos de idade, em 1942, após a morte de seu pai, a dona da fazenda exigiu que toda a família deixasse a casa e saísse da fazenda. Apesar do luto e das dificuldades financeiras, Seu Domingos, após a mudança, passou um tempo feliz, com uma vida boa, graças à garra de sua mãe, Sebastiana, a Dona Tiana. Conseguiram se mudar para uma casinha de pau a pique na área urbana da cidade, conhecida como Rua do Cruzeiro. Ali, ele se divertia muito com os amigos e vizinhos. “O clima era de uma grande família festeira”, lembra ele, com saudades. Aproveitavam os festejos tradicionais da cidade, como a Coroação de Nossa Senhora, a fogueira junina e outros tantos. As celebrações em Dom Joaquim eram – e ainda são



Memórias: a casa de pau a pique, na Rua do Cruzeiro

Lugar de afeto: a fazenda onde a família de Seu Domingos se constituiu e viveu até 1942

– permeadas pelos atos de fé, que se mesclam aos costumes de vários povos tradicionais, originais da região do Espinhaço, como os quilombolas.

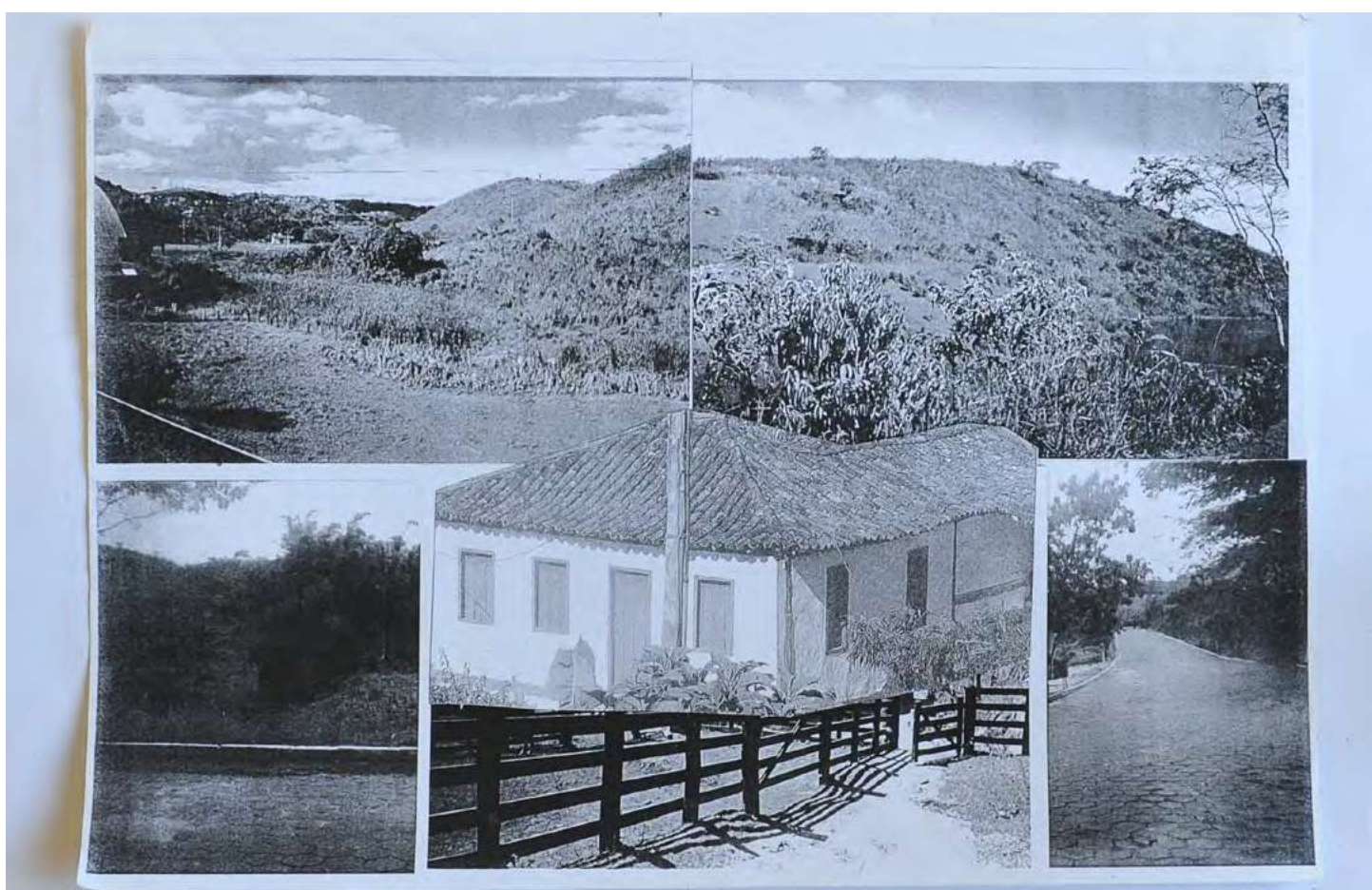
Mesmo com pouca idade, caçula de sete irmãos, Seu Domingos cuidava do gado, das roças e vendia pirulitos na Praça da Matriz. Nessa época, o Cônego Bento Ribeiro da Costa, o Padre Bento, sempre tinha uma palavra de conforto, conselho e estímulo para a família seguir em frente. Os tempos estavam difíceis. Mas eles tinham fé e alegria.

Alguns anos depois, Dona Tiana reuniu os filhos e anunciou a decisão de partir com a família para a capital. “A gente não quer, mas acaba saindo para uma cidade maior, buscando melhores oportunidades na vida, continuar os estudos, não ter só um trabalho, mas uma carteira assinada e tudo mais. É um exílio voluntário afetivo: a gente sai chorando, mas com a esperança de prosperar”, recorda-se, emocionado.

E deu certo. Foi assim, próspero, que Seu Domingos retornou a Dom Joaquim, em 2008. Tinha, agora, a missão de construir a sua própria casa para passar longas

temporadas na cidade. Junto à amada companheira, Dona Marleide, sabiam bem o que queriam. Uma residência ampla e agradável, com quartos para sete filhos, 14 netos e quatro bisnetos, um jardim na entrada e aquele espaço aconchegante para prosas e cantorias ao redor do fogão a lenha, na parte dos fundos. E não podia faltar uma churrasqueira para os encontros com os conterrâneos.

A prosperidade de Seu Domingos não se limitava a recursos materiais, que lhe possibilitaram, enfim, ter a sua própria residência em sua cidade natal. Ele trazia outras riquezas na bagagem. Além, é claro, das marcas do passado. Apesar de sua família ter trabalhado muito duro, tiveram que enfrentar esses entraves. Primeiro, a saída forçada da fazenda após a morte do pai. Depois, em função das dificuldades de gerar renda para o sustento, em Dom Joaquim, precisaram partir para a cidade grande na década de 1940. “Meu irmão mais velho alertou minha mãe, na época: ‘se continuar aqui, vão todos virar escravos’”, conta.



De fato, Seu Domingos retornou próspero de valores e conhecimentos. Sabia bem a força da cidadania para transformar realidades. Sabia a importância da luta para garantir direitos. Sabia a potência da história, cultura e patrimônio para a formação do sujeito. E mais: sabia o poder de uma comunidade mobilizada em prol do bem comum. Em Belo Horizonte, ele teve vários trabalhos, de sapateiro a auxiliar de limpeza. Até que, na década de 1960, entrou para o quadro de funcionários do que se tornaria o Banco do Estado de Minas Gerais (Bemge), e lá trilhou uma sólida carreira, tornando-se gerente até se aposentar. Ao longo de toda a sua jornada, participou efetivamente das lideranças comunitárias por onde passou, principalmente na região do Barreiro, o que lhe possibilitou acumular muitas vivências sobre direitos e deveres do cidadão.

Ao chegar a Dom Joaquim, em 2008, envolveu-se com a obra da casa. Em meio à administração dos serviços, Seu Domingos parou para apreciar sua cidade. Dirigiu seu olhar para o alto, para a saudosa Capela do Padre Bento. Espanto, assombro. Percebeu que a cena mais bonita da cidade estava completamente poluída. O que aconteceu com aquela paisagem encantadora da Capela no morro? O que fizeram com o principal marco da cidade? A paisagem estava descaracterizada.



Dirigiu o olhar novamente em sua direção para tentar entender. Foram instaladas duas antenas gigantes de operadoras de celular junto à Capela. As soberbas estruturas metálicas viraram as protagonistas da cena, obscurecendo a Capelinha do Padre Bento e poluindo a paisagem natural que resguardava os símbolos de fé, cultura e do meio ambiente da cidade.

Seu Domingos foi até lá. Não era mais um mirante no conhecido Morro da Palha de Dom Joaquim. O local se assemelhava mais a uma área industrial, com as gigantescas torres cercando a Capelinha. A sagrada Capela do Padre Bento, encurralada pelas antenas, havia encolhido e perdido o potencial histórico: desconectou-se da cultura local. “Era uma tristeza misturada com indignação. Mas, me recordei que, no meu papel de cidadão, precisava de explicações. Tinha o dever de entender o que aconteceu.” E, assim, o fez.



O olhar perdido

Encantadas com a promessa do avanço tecnológico com a chegada da telefonia celular, míopes pela correria do dia a dia, sem oportunidade para questionar, as pessoas que cruzavam o caminho de Seu Domingos não sabiam explicar como as antenas foram parar ao lado da Capela do Padre Bento. Tinham um olhar quase perdido para o morro.

Algumas, não poucas, espantavam-se quando ele apontava e perguntava: “Veja, sabe me explicar o que aconteceu com a Capela?” “Nossa! Que coisa feia que fizeram, não tinha reparado bem”.

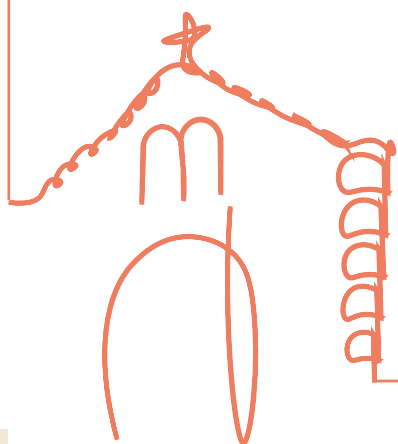
Uma coisa era certa. De maneira unânime, quando atentaram para as antenas, ninguém gostava do que via no Morro da Palha. E refletiam: “Precisava mesmo ser assim? Não tinha nenhum outro lugar para instalar as antenas?”. Todos, claro, estavam satisfeitos com a chegada da telefonia celular. O desenvolvimento, porém, não precisava ser incompatível com a cultura e as belezas de Dom Joaquim. Deveria acrescentar valor e, não, destruir o patrimônio.



Com os seus 67 anos, todos vividos em Dom Joaquim, a professora aposentada Dirlene do Porto Ribeiro Teixeira lembra-se bem de quando olhou para o Morro da Palha após o questionamento do Seu Domingos

“Nossa, que susto! Pela primeira vez, vi, realmente, a cena que as antenas criaram. Acabaram com a nossa paisagem”. E concluiu: “Tenho a impressão de que a gente é ‘bobinha’, vamos aceitando as coisas que não nos agradam sem questionar. Só aceitamos, caladas. Mas bastou o Seu Domingos chamar a atenção para o fato para a gente resgatar a nossa cidadania. A cidade toda se mobilizou para tirar as antenas dos arredores da Capela. Aquele lugar é muito lindo e importante para a gente.”

DIRLENE DO PORTO RIBEIRO TEIXEIRA



A aposentada Alice Aparecida Gonçalves da Costa, de 87 anos, adorava os festejos em torno da Capela do Padre Bento. Está torcendo para a retomada dos eventos, em breve (os eventos foram suspensos em função da pandemia causada pela COVID-19)

“Agora, precisamos comemorar que não temos mais aquelas antenas por lá. Elas tomavam conta do morro todo, aquilo não tinha o menor cabimento. Ainda bem que saíram de lá.”

ALICE APARECIDA GONÇALVES DA COSTA

“Seu Domingos nos chamou a atenção para o estrago que fizeram no nosso ponto turístico e nosso patrimônio histórico.”

WANDER TEIXEIRA MADUREIRA, DA RÁDIO FOLHETA

O olhar da luta

Na busca por informações, Seu Domingos soube, por intermédio do então Vereador Geraldo Adilson Gonçalves, o Dilsinho, que as torres pertenciam às operadoras de telefonia celular Claro e Telemar (atual Oi). Dilsinho o alertou sobre um descompasso referente à localização autorizada pela prefeitura e a que realmente foi utilizada para a instalação das antenas. A informação foi o gatilho para Seu Domingos “ir à luta”. E, assim, as conversas e a articulação da comunidade de Dom Joaquim tiveram início.

As antenas tinham que ser instaladas justamente naquele morro que abraça a cidade e ao lado da “querida” Capela do Padre Bento? Todos apoiavam o avanço tecnológico, com a melhoria do serviço de telefonia celular na cidade. A questão era outra. A estrutura metálica precisava mesmo estar naquele espaço tão específico? Precisava mesmo acabar com o cartão-postal de Dom Joaquim? Precisava comprometer o patrimônio histórico, cultural e religioso tão valioso para a comunidade?



Assim, com esses questionamentos, Seu Domingos conscientizou-se de que o marco da conquista de sua casa em Dom Joaquim, em 2008, tinha um sentido bem mais amplo do que imaginava. Representava a missão de resgatar o sentimento de pertencimento de um povo, da preservação do patrimônio histórico e cultural. A sua indignação foi transformada em uma missão coletiva de resistência, de valorização dos bens históricos e culturais. Ali começava um movimento de cidadania – aparentemente inusitado e, à primeira vista, talvez considerado de baixa relevância, diante do poder econômico das grandes corporações de telefonia celular. Em um completo paradoxo, a reação da comunidade, na realidade, resultou em um poderoso ato de resistência que durou 12 anos e resgatou a valorização da cultura e do patrimônio da comunidade dom-joaquinense. Serviu de referência para outros atos de mobilização popular. Inspirou e ensinou. Afinal, essa é a história de uma Capela que tem vários significados.

No retorno para Belo Horizonte, depois de várias tentativas de contato com a operadora Claro, Seu Domingos foi diretamente ao escritório da companhia. Conseguiu falar com os engenheiros responsáveis pela obra. Contou a eles que a comunidade não estava satisfeita com as antenas no entorno da Capela do Padre Bento, descaracterizando a paisagem. Eles não deram importância. Mas Seu Domingos avisou: “Vou lutar para tirar aquelas antenas de lá. E vou conseguir. Não se pode fazer isso com o patrimônio de uma cidade”.



“Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então se trata de Educação Patrimonial” (IPHAN).



A resistência *alegre*

Animado e confiante, Domingos Xavier deu largada ao movimento “Retirada das Antenas”. O objetivo era conseguir a realocação das antenas que estavam junto à Capela do Padre Bento, no Morro da Palha, ponto histórico e cultural da comunidade, local de manifestações religiosas e de lazer. “A presença daquelas estruturas ao lado da Capela era uma afronta das empresas multinacionais à identidade do nosso povo”, descreve Seu Domingos. Afinal, aquela paisagem composta pela Capela era o cartão-postal da cidade.



A TELEFONIA CELULAR ERA MUITO BEM VINDA

A chegada dos telefones celulares na região era parte do “Programa Minas Comunica”, uma parceria público-privada (PPP) para fomentar os investimentos das operadoras de celular no estado.

No processo de licitação, em 2007, a Claro foi a vencedora do lote 3, que contemplava 127 municípios, incluindo Dom Joaquim. Os serviços da empresa foram concluídos em 2008, conforme determinava o edital. Não faltavam opções de locais para as operadoras instalarem as antenas sem comprometer a paisagem. A geografia da cidade, com elevações, favorece, entre outros critérios técnicos, a amplitude do sinal do celular.

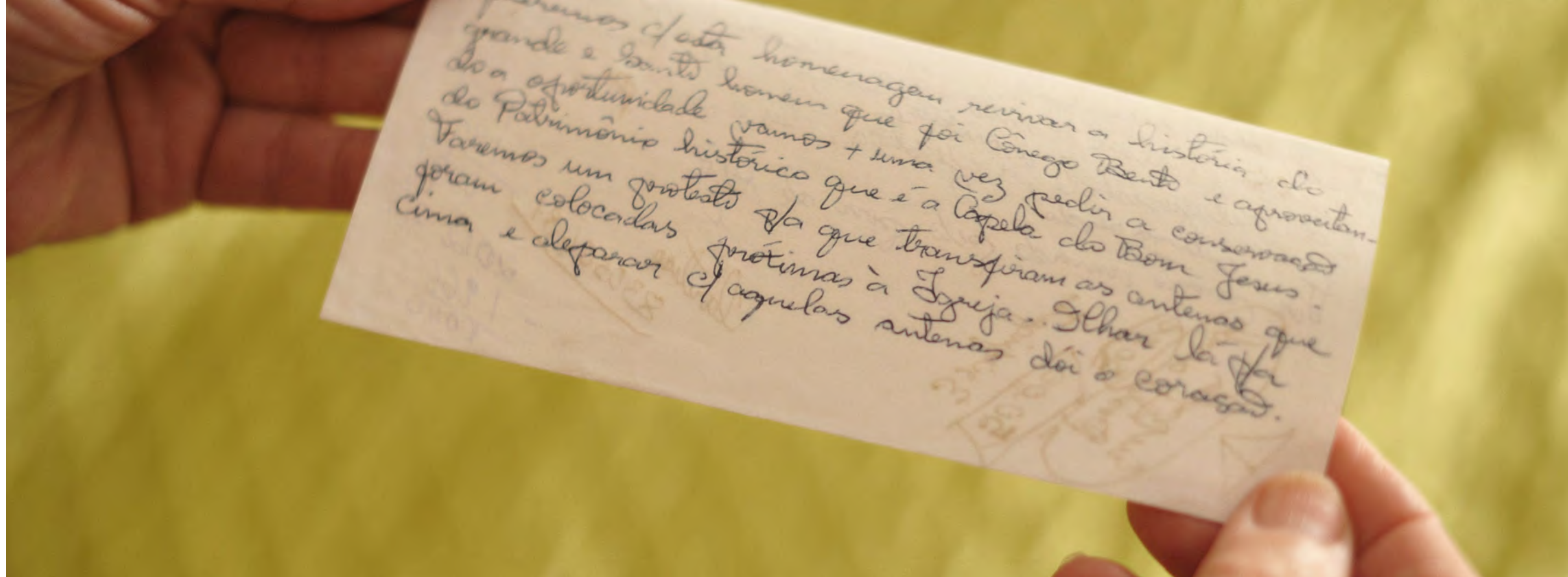
Havia expectativa e até mesmo uma torcida. Mas a chegada da telefonia celular não precisava, reforça Seu Domingos, “ser incompatível com a cultura do lugar”. O avanço tecnológico deveria vir para agregar e, não, nublar a história de Dom Joaquim.

“Eu tinha informação de que aquele não era originalmente o local autorizado pela prefeitura para a instalação da antena. A área determinada pelo poder municipal, segundo os documentos, era próxima. Uma região conhecida como ‘Morro da Copasa’.”

DOMINGOS XAVIER

A primeira ação de Seu Domingos foi percorrer os cartórios de registro de imóveis da região. “Eu tinha informação de que aquele não era originalmente o local autorizado pela prefeitura para a instalação da antena. A área determinada pelo poder municipal, segundo os documentos, era próxima. Uma região conhecida como ‘Morro da Copasa’”, esclarece Xavier. Com o documento em mãos, ele teve a confirmação de que o processo para a instalação de fato gerava vários questionamentos e muitas dúvidas sobre o terreno licenciado. “Era preciso abrir uma estrada de acesso para chegar ao topo do local devidamente autorizado e doado pela prefeitura, o ‘Morro da Copasa’. Já no Morro da Palha, onde as antenas foram instaladas, não havia dificuldade, a rua estava pronta”, explica. Parece que as empreiteiras que fizeram as obras para a instalação das gigantes metálicas optaram pela alternativa mais fácil para elas, sem considerar o impacto na vida da cidade.





“Esse documento me deu um impulso para ativar ainda mais o movimento da luta para a realocação”, afirma Xavier. Decidido, estudou todos os imbrólios que envolviam a liberação para a instalação das antenas e partiu para o diálogo com a comunidade. Rapidamente, teve certeza de que os moradores, em sua grande maioria, não queriam as antenas naquele lugar tão valioso para todos os dom-joaquinenses. A comunidade manifestou o desejo pela realocação das antenas para uma área que não comprometesse a paisagem emblemática da cidade, o principal símbolo de Dom Joaquim.

Em seguida, Seu Domingos registrou essa vontade da população em um documento abaixo-assinado. “Eu percorri os órgãos do poder municipal, os comércios, os bares, as casas, os sítios e até as fazendas para ouvir a opinião de todos e recolher as assinaturas”, diz Seu Domingos, emocionado pela lembrança do início da mobilização popular, que ele articulou com muita sabedoria. O interesse na retirada das antenas era coletivo. E todos se sentiam muito felizes diante da possibilidade de lutar pela remoção.

Em sua articulação, Seu Domingos usou vários instrumentos e canais democráticos para exercer a cidadania e reivindicar os interesses da comunidade de sua cidade. O primeiro deles foi a obtenção de informações e documentos. Depois, fez o abaixo-assinado. E, assim, seguiu. Recorreu à imprensa. Mandou uma carta à redação do tradicional jornal *Estado de Minas*, o mais relevante à época. Com o título *Antenas de celular empanam cartão-postal*, sua reivindicação para que a Claro transferisse a antena ganhou as páginas do diário. Essa foi a primeira citação do caso na imprensa. Ao longo da luta, o movimento teve ampla cobertura da mídia, conforme se verá adiante.

“Ele não deixava a gente se intimidar ou desistir. Era uma determinação constante.”

EX-PREFEITO DE DOM JOAQUIM ROMANI THOMAZ FROIS

“O Seu Domingos conduzia ações bem engajadoras e animadas. Despertava muita força e confiança nas pessoas. O clima da luta era de alegria. Não tinha atrito com ninguém.”

PROFESSOR BENONI DE ASSIS



DOM JOAQUIM Morador defende retirada de antenas

Domingos Xavier
Dom Joaquim – MG

“Desde de 21 de setembro de 2010, há um processo na Comarca de Conceição de Mato Dentro sobre a retirada de antenas das operadoras Claro e Oi Telemar das proximidades da histórica Capela do Padre Bento na cidade de Dom Joaquim, Vale do Rio Doce. Essa ação é defendida pelos cidadãos para proteger o patrimônio cultural e histórico da cidade e de Minas. Apesar de o movimento ter a

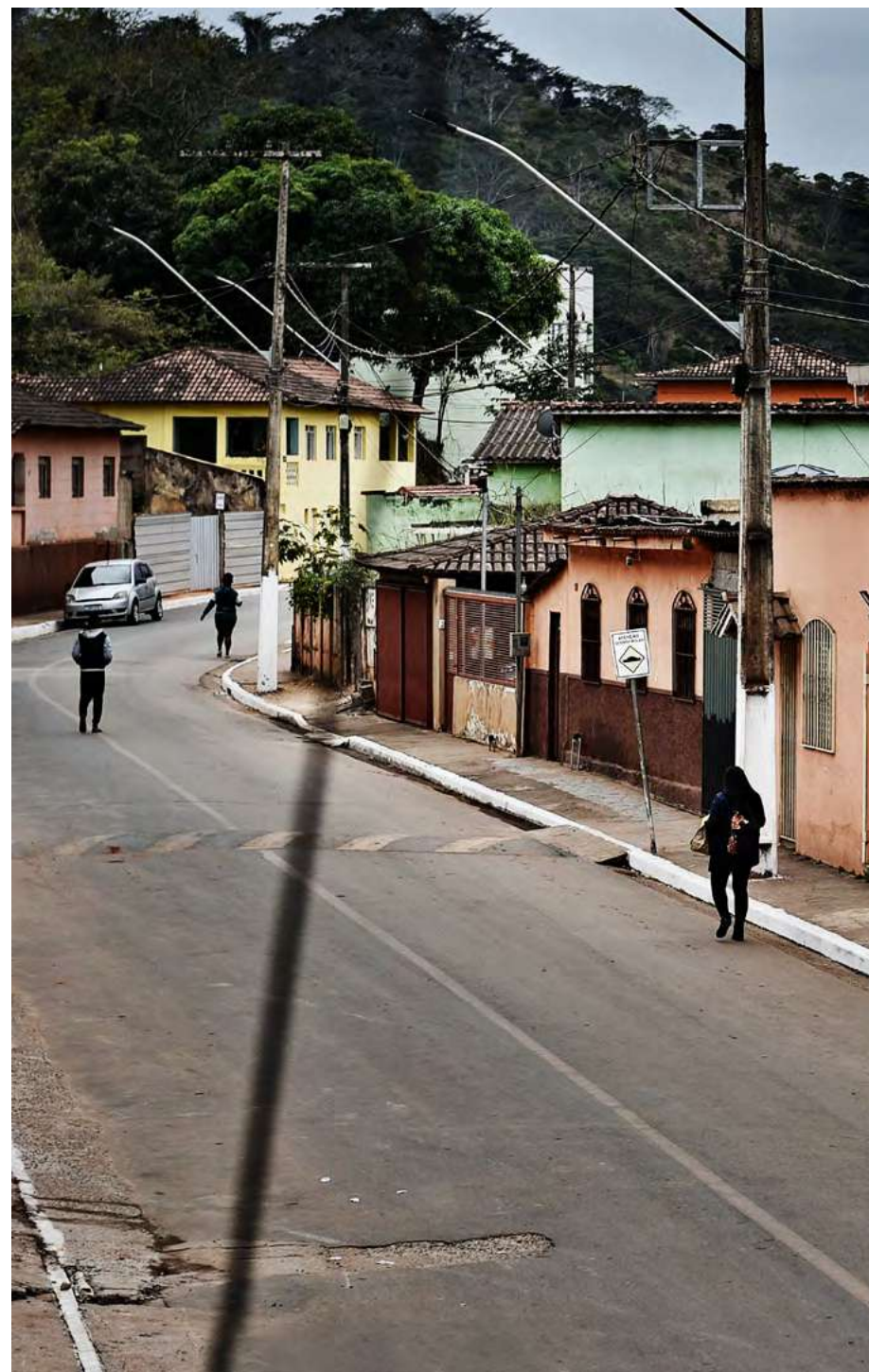
participação da Assembleia Legislativa, da prefeitura e do governo do estado, as constantes mudanças de promotores na comarca vêm ocasionando prejuízo e atraso ao andamento do processo. Até quando vamos conviver com esse desrespeito à história de nossa cidade?”

Seu Domingos também contou com o forte apoio da imprensa local. Pediu a participação da *Rádio Folheta*, emissora comunitária de Dom Joaquim, para noticiar o andamento do movimento. Deu certo. A rádio rapidamente aderiu à causa e partiu para a luta.

“Temos que acreditar e acionar os políticos que nos representam. Se só reclamamos e ficamos quietos, nada acontece. Usei todos os canais que tinha para manifestar os interesses da nossa cidade.”

DOMINGOS XAVIER

Apesar de a operadora Claro ter se recusado a responder, a carta publicada no *Estado de Minas* teve repercussão na cidade e o movimento ganhou mais adeptos e força. E, enquanto cidadão, Seu Domingos procurou seus representantes, eleitos nas duas esferas de poder: municipal e estadual.



Para a Câmara Municipal de Dom Joaquim, solicitou uma manifestação favorável à realocação das antenas. No Poder Executivo, à época, acionou o Governador, Aécio Neves, e o vice, Antonio Anastasia. No final de 2008, escreveu: “Como amante da minha terra, tenho uma preocupação com a Claro Celulares. [...] O progresso é bem-vindo, mas precisamos saber se com o seu trabalho na área de comunicação, ela tem compromisso com a preservação dos monumentos históricos por onde passa. [...] Não acredito que o nosso Governador tenha conhecimento desses fatos”.

Seu Domingos recebeu do governo uma carta que continha apenas um agradecimento por sua manifestação. Não desanimou. Para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), endereçou 77 cartas registradas, uma para cada um dos Deputados, relatando em detalhes a necessidade de realocação das antenas e reivindicando o apoio do legislativo. “Temos que acreditar e acionar os políticos que nos representam. Se só reclamamos e ficamos quietos, nada acontece. Usei todos os canais que tinha para manifestar os interesses da nossa cidade”, ensina Xavier.



Passaram-se dias e dias, nada de respostas. Em paralelo, ele articulava o movimento com cartazes, postais e panfletos. “É preciso manter todos engajados, não desistir”, completa Seu Domingos. Os materiais utilizados foram produzidos por ele próprio, amigos e parentes.

Quase um mês depois, uma resposta efetiva chegou. Uma. Das mais de 77 cartas enviadas para os Deputados de Minas, um respondeu. Não veio pelos Correios. Seu Domingos recebeu a ligação da advogada Karla Roque, à época, Assessora-chefe para assuntos jurídicos-legislativos do Deputado Carlin Moura. Ela estava interessada em saber mais informações sobre a demanda da comunidade para a realocação das antenas. “Eu tinha a confiança que a minha reivindicação seria ouvida e bem encaminhada”, conta Xavier. “Era só uma questão de tempo”, acrescenta.

Esse retorno foi decisivo para a articulação política que Seu Domingos conduziu. “Nesse momento, foi dada a largada para o desfecho positivo da nossa luta”, afirma. Após 12 anos, ele conseguiu, vitorioso, a realocação das antenas.





“O Estado zelará pela preservação dos bens, tomados isoladamente ou em conjunto, que se relacionem com a história, a arquitetura e a arte em Minas Gerais e que sejam representativos da cultura mineira em suas diversas manifestações, contextos e épocas” (MINAS GERAS, 1994, Artigo 5º).



**ESTA É A CAPELA DO PADRE BENTO EM DOM JOAQUIM-MG,
QUE ESTÁ SENDO DANIFICADA PELA ANTENA DA OI FIXO**

O marco do movimento

O movimento para a realocação das antenas entrou na pauta política. Depois de muitas reuniões de Domingos Xavier com a advogada Karla Roque e com o então Deputado Carlin Moura, a ALMG encaminhou ofícios às empresas operadoras de celular Claro e Oi. “Primeiro, foi preciso confirmar se a demanda pela realocação era realmente um desejo coletivo da comunidade e entender os impactos que as antenas causavam naquele patrimônio. Após a apuração, ficou claro que era uma agressão à cultura local”, lembra-se Carlin Moura. Karla Roque, que avaliou em detalhes o movimento e as ações de Domingos Xavier, conta que ele sempre fez uma abordagem firme e respeitosa, usando as instâncias corretas para ter a

sua representatividade. “A Karla, depois que fez uma avaliação, me chamou a atenção para a relevância da demanda daquele cidadão”, completa Moura.

A resposta da Claro ao ofício, enviada em 15 de setembro de 2009, limitou-se a justificar a inviabilidade do investimento financeiro para a realocação das antenas. Sem nenhuma menção à questão do impacto ao patrimônio.

Cumpramos ressaltar que o projeto e a instalação de uma estação rádio-base (ERB) demandam vultuoso investimento pela Claro, não só na construção da antena, mas também na pesquisa de local adequado para o funcionamento da mesma (CLARO, 2009).

E segue, alegando outros motivos:

A realocação dos equipamentos, ainda que possível, geraria enorme transtorno e novos investimentos para a Claro, em virtude da desmobilização de todo o equipamento e da necessidade de novas pesquisas, a fim de que se encontre um lugar adequado, com a mesma viabilidade técnica para a instalação da ERB (CLARO, 2009).

Na resposta, assinada pelo Diretor Regional de Minas Gerais, Ricardo César de Oliveira, a operadora também coloca em questão o risco da realocação.

Lembramos, ainda, que a realocação dos equipamentos poderia prejudicar a qualidade do sinal de telefonia transmitido na cidade de Dom Joaquim (CLARO, 2009).



Carlin Moura: “A carta do Seu Domingos para a Assembleia foi um ato transformador de cidadania”

A ameaça não se concretizou. Desde que foram realocadas as antenas, não houve nenhum impacto na qualidade do sinal de celular no município. E o diretor encerra a carta com a recusa enfática.

Por todo o exposto, servimo-nos da presente para informar que, hoje, a Claro não tem interesse em realocar os seus equipamentos (CLARO, 2009).

“Não me intimidei com as negativas. Isso me deu força para seguir com o movimento para a realocação”, conta Xavier. Também foram enviados ofícios ao Secretário Estadual de Cultura, à época, Paulo Brant, e ao então Presidente do IEPHA/MG, Carlos Roberto Noronha, com o pedido para interceder junto às operadoras, visando à preservação do patrimônio.

Em novembro de 2009, o IEPHA fez uma vistoria na Capela do Padre Bento e encaminhou nota técnica às operadoras, assinada pelo Diretor de Conservação e Restauração, Renato César José de Souza.



Seu Domingos e Dona Marleide

Segundo o IEPHA (2009), as torres instaladas inadequadamente vinham criando um clima de perplexidade e revolta na população da cidade. “O local, além de constituir um símbolo religioso de grande valor sentimental, é uma área de manifestações religiosas e de lazer. O impacto visual é estarrecedor, comprometendo a relação da cidade com o seu entorno natural”. O texto concluiu: “Como a intervenção é comprovadamente agressiva, real e descaracterizante, afirmamos que a negativa para a retirada de todas as torres não deve ser tratada como um fato consumado e definitivo. A transferência dessas torres para outro local é um fato tecnicamente aprovado e possível, devendo ser feita com a máxima urgência”.

A vistoria e elaboração da nota técnica contaram com a participação de Joacir Silva Concelos, Analista de Gestão, Proteção e Restauro, e de Daniele Rossato Silva, da Gerência de Ação Preventiva – ambos do IEPHA. A nota técnica determinava ainda que, após a retirada, deveria ser feita a recomposição da área danificada e o tratamento paisagístico do local.

As operadoras seguiam implacáveis. “Elas se apropriaram de um cartão-postal da nossa cidade”, afirma o professor Benoni. Mas a população não desanimava e mantinha a força rumo à retirada das antenas. Domingos Xavier produzia cartazes, faixas e seguia com o engajamento da sociedade.

“O local, além de constituir um símbolo religioso de grande valor sentimental, é uma área de manifestações religiosas e de lazer. O impacto visual é estarrecedor, comprometendo a relação da cidade com o seu entorno natural.”

IEPHA



Visita histórica

No dia 1º de julho, a Comissão de Cultura da ALMG, com base em requerimento do Deputado Carlin Moura, realizou uma visita a Dom Joaquim, que funcionou como uma audiência pública. Foram convidados os representantes do poder local, o IEPHA, as operadoras, toda a população e o Ministério Público de Conceição do Mato Dentro, por intermédio da Coordenadoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico. “Essa audiência pública foi a pedra fundamental para o início do processo jurídico, que culminaria na retirada das duas antenas. Evidenciou e tornou pública a relevância da preservação patrimonial para aquela população”, lembra a advogada Karla Roque.

Com base nas conclusões, foram definidas três medidas para a preservação do patrimônio:

- 1) A proposta de um acordo por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Em caso negativo, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) iria mover uma ação civil pública.
- 2) A abertura do processo de tombamento do sítio do Morro da Palha pelo IEPHA.
- 3) A elaboração do projeto de lei: política de proteção de bens de interesse cultural face à implantação, instalação e ampliação de antenas transmissoras de telefonia celular, rádio, televisão e equipamentos similares.

Dia do marco do movimento para a mudança do local de instalação das antenas



Estudantes tiveram participação ativa no movimento

Todos, incluindo Vereadores, Prefeitos, ex-Prefeitos, Secretários, Comerciantes, Empresários e outros importantes representantes da sociedade, de todas as idades e campos de atuação, manifestaram-se, pedindo a retirada. Professores, alunos e pais da EE Cristiano Machado e da EE Cônego Bento Ribeiro organizaram-se, com faixas e camisetas, para protestar em defesa do patrimônio histórico e cultural da cidade. “Foi muito importante que os alunos participassem ativamente do movimento. Foi uma verdadeira aula de cidadania”, afirma o professor Benoni. “Hoje, com o conhecimento sobre patrimônio,

direitos e cidades, a população não deixa mais acontecer uma agressão à nossa cultura”, completa.

Alguns políticos reforçaram a ilegalidade do local da instalação frente ao terreno originalmente doado pela prefeitura. Mesmo diante da manifestação popular pela mudança, os representantes da Claro, Bruno Viana e Leonardo Peres, reafirmaram que não iriam realocar as antenas. Em relação aos questionamentos a respeito da ilegalidade, eles esclareceram que a obra foi realizada por uma construtora terceirizada, como de praxe.

Diante dos impasses e da resposta dos funcionários da operadora, Dr. Luiz Felipe Cheib, então Promotor da Comarca de Conceição do Mato Dentro, argumentou que a Capela do Padre Bento havia sido inventariada para o processo de tombamento pela administração municipal. “Esse fato já seria suficiente para impedir a instalação das antenas que, no entanto, ocorreu sem nem mesmo a autorização do Conselho do Patrimônio do Município. O inventário poderia ser considerado um acautelamento do patrimônio, nos termos do parágrafo 1º do artigo 216 da Constituição Federal”, explicou, à época.

Durante a visita, o Promotor Dr. Cheib informou que iria propor um acordo para a realocação, por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta. Aguardaria, ainda, a manifestação da operadora Oi. No entanto, alertou que, se não houvesse acordo, moveria uma ação civil pública contra as empresas. A Comissão de Cultura da ALMG constatou que a instalação das antenas nos morros adjacentes era perfeitamente possível, e que a empresa responsável pela obra agiu indevidamente. Diante disso, tomaria as providências cabíveis

para a preservação do patrimônio. O IEPHA, por sua vez, anunciou a abertura do processo de tombamento do sítio do Morro da Palha. “Foi um dia de vitórias, grandes vitórias”, lembra-se Domingos Xavier.

“Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (BRASIL, 1988).

CONHEÇA A COORDENADORIA DAS PROMOTORIAS DE JUSTIÇA DE DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL E TURÍSTICO DE MINAS GERAIS (CPPC)

O Estado de Minas Gerais é referência na preservação do patrimônio cultural. Segundo a CPPC, o estado tem a maior quantidade de bens culturais protegidos e de cidades turísticas reconhecidas pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur). Além disso, quatro sítios históricos de Minas Gerais são considerados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio Cultural da Humanidade: a Cidade Histórica de Ouro Preto; o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas; o Centro Histórico da Cidade de Diamantina; e o Conjunto Moderno da Pampulha, em Belo Horizonte.

Diante dessa dimensão e valorização da cultura, em cada município do estado, um Promotor de Justiça atua como curador dos interesses difusos, sendo responsável pela tutela do patrimônio cultural e natural e dos bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico.

O trabalho do Ministério Público pode ser tanto de prevenção quanto punitivo. É dever buscar a preservação dos bens culturais materiais e imateriais, mantendo viva a história do estado.

Com o objetivo precípua de articular as medidas judiciais e extrajudiciais necessárias à efetiva proteção dos bens portadores de valor cultural e turístico, localizados em Minas Gerais, foi criada a Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais.





“O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória, e à identidade. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores estão associados, ou seja, cuidar dos bens representativos da história e da cultura de um lugar ou de um grupo social” (IPHAN).



Cultura: um ato de cidadania

Com as esperanças renovadas, após tamanha mobilização da população, dos poderes municipais e estaduais, dos órgãos reguladores e da justiça, por meio do Ministério Público, Domingos Francisco Xavier estava mais otimista do que nunca. “Tinha certeza de que teríamos a nossa Igrejinha de volta, a nossa fé, a nossa cultura e a nossa identidade como cidadão de Dom Joaquim”. Afinal, como compara a Secretária Municipal de Educação de Dom Joaquim, Andréia da Silva Ferreira Resende, “a Capelinha está para o dom-joaquinese assim como o Cristo está para o Rio de Janeiro”. E tem mais: “Por se tratar de um símbolo muito nosso, da nossa rotina e dos nossos afetos, é como se tivessem mexido com um filho



nosso. É uma questão afetiva”, acrescenta o jovem comerciante Fábio de Pinho Rabelo, de 29 anos, que nunca morou em Dom Joaquim. “Mas passei a vida lá”, explica. Neto e filho dos dom-joaquineses Andréa Rabelo e João Batista Rabelo, Fabinho, como é conhecido na cidade, durante todo a infância, contava, com empolgação, os dias para a chegada das férias. “Partia de Belo Horizonte, onde sempre morei, para ficar três meses seguidos em Dom Joaquim”, lembra-se com alegria. “A criança andava sozinha para todos os lados; a paisagem da Igreja, no morro, era a nossa referência”.

E, assim, seguiu; porém, com os compromissos da vida adulta, as idas à cidade da família foram reduzidas, mas o afeto sempre se manteve. Tanto que Fabinho e a turma de amigos e primos, com fortes vínculos familiares com a cidade, resolveram fazer uma homenagem com uma tatuagem igual para todos. E qual foi a imagem escolhida? Sim. Acreditem!!! No dia 19 de setembro de 2019, cerca de 10 integrantes da turma, que conta com 30 filhos e netos de cidadãos de Dom Joaquim, tatuaram, na parte externa do braço, a cena da Capela do Padre Bento no



Morro da Palha. “Essa é a representação da cidade e a nossa representação também”, explica.

A identidade é tão forte, conforme conta Fabinho: “não raro, eu e meus amigos somos identificados por meio de questionamentos como: ‘Você é de Dom Joaquim? Essa tatuagem é daquela Capelinha de Dom Joaquim? Olha, você conhece Dom Joaquim? Lá tem uma Capelinha igual à sua tatuagem?’. Essa pergunta é uma alegria para a gente”.

Com quase uma década de idade a mais, Fernanda Ferreira Salvador, que atualmente ocupa o cargo de Secretária Municipal de Turismo de Dom Joaquim, tem boas lembranças dos encontros de jovens em volta da Igreja. “Era um programa da turma da minha juventude ir à frente da Capelinha, tocar violão e apreciar a cidade. Ficávamos horas por lá”.

O programa de lazer em torno da Capelinha é uma tradição que passa de geração em geração. No auge dos seus 86 anos, Petrina Gonçalves Ribeiro, a querida Dona Petrina, também tem ótimas memórias no Morro da Palha: “Subia com as crianças [ela teve sete filhos], podia ser num domingo, para ficar lá brincando, cantando, contando histórias. Tinha dia que ficava por lá até 01 h da manhã”, conta com emoção. Pelas madrugadas, as histórias tinham seus encantos e lendas. “Havia uma luzinha que sempre aparecia no morro, do lado da Capelinha, e ninguém sabia de onde vinha”. As lembranças afetivas espalham-se por toda a família: “A Capela do Padre Bento é uma alegria para a cidade. As antenas não combinam com nada do que fazemos no morro. Nem com a

Dona Petrina: a história da Capela faz parte da história familiar

decoreção ou as barraquinhas do festejo”, disse Neusa Maria dos Santos, filha da Dona Petrina.

A moçada que anda com o Fabinho tem um ritual: “Depois de todas as festas, subimos para Capelinha e, por lá, ficamos para ver o sol nascer”. E a criançada gosta mesmo de curtir o local, durante o dia, e soltar papagaio nas manhãs de bons ventos.

Turma do Fabinho: a identidade cultural da comunidade de Dom Joaquim estampada nos braços dos jovens



Atos de fé

A cena paisagística, que foi invadida pelas antenas de transmissão, abriga bem mais do que os lazeres pessoais de diversos estilos de cerca de 4.500 moradores. Ali também ocorrem importantes celebrações coletivas. Na Capela do Padre Bento, no Morro da Palha, são realizados os principais festejos religiosos de Dom Joaquim. “Já perdi a conta de quantas vezes fui a festeira na exaltação da Santa Cruz”, orgulha-se Dona Petrina. A grande família, de filhos, netos e bisnetos, encarrega-se dos preparativos, da decoração da rua que desce do morro até a cidade e das comidas típicas para as barracas. Ainda contam com o festejo do padroeiro, São Domingos, repleto de com diversas manifestações culturais. Acaso ou destino, o protetor religioso de Dom Joaquim é homônimo do líder do movimento para a retirada das antenas.

Todos esses exemplos de vivências em torno da Capela do Padre Bento fazem parte da identidade cultural do povo dom-joaquinense. É a partir dessas experiências sociais, na comunidade, que surge o sentimento de pertencimento. Em Dom Joaquim, esse pertencimento pode ser materializado na paisagem da Capela do Padre Bento. É a



PADRE BENTO RIBEIRO COSTA
HOMENAGEM DE GRATIDÃO AO CÔNEGO BENTO - PELA
SUA VIDA E SUA OBRA DEDICADAS, POR 44 ANOS, À
PARÓQUIA SÃO DOMINGOS DE DOM JOAQUIM.
SABEDORIA, ZELO, ORAÇÃO, CARIDADE, FÉ E AMOR
SÃO MARCAS DE UMA VIDA CONSAGRADA A DEUS.
*"se o grão de trigo, lançado na terra,
'Não morrer, fica só; mas, se morrer,
'Produz abundante fruto."
(Mt. 13, 12)*
* 15-04-1887 - (1902) - SÃO DOMINGOS
† 05-11-1952 - (1902) - SÃO DOMINGOS
NESTA CAPELA ESCOLHEU SER SEPULTADO.
DOM JOAQUIM, 03 DE NOVEMBRO DE 2017.



Da esquerda para a direita: Maria Lucia Lima (Dona Lucinha); Maria Amélia Souza, Auxiliar de manutenção e limpeza da Capela; Cândida da Silva Dutra, Coordenadora Pedagógica

sensação de pertencer, afetuosamente, à cidade. Não é qualquer cidade. É aquela com a Capelinha do Padre Bento, no Morro da Palha. É aquela onde a paisagem da Igrejinha, no morro, pode ser vista de qualquer lugar. É aquela que tem um mirante. É aquela em que a Capelinha guarda os restos mortais do Padre Bento, que viveu na cidade por mais de 40 anos.

É aquele sentimento que o Fabinho contou que tem quando alguém identifica a Capelinha de Dom Joaquim na tatuagem da sua turma de primos e amigos. Essa vivência faz parte da história do povo, e de cada um, de maneira específica. Assim, valorizar a história é valorizar o povo que se constituiu por meio dela. E é um exercício de cidadania. Afinal:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988).

Na cultura identitária, os indivíduos compartilham, por meio de vivências, seus patrimônios materiais e imateriais. A

instalação das antenas de celular no Morro da Palha, ao lado da Capela do Padre Bento, agride o patrimônio material, ou seja, a Igreja, em processo de tombamento histórico, e o patrimônio imaterial: os festejos, os saberes e o lazer compartilhado naquele espaço.

A filósofa espanhola Adela Cortina, estudiosa do patrimônio cultural, ensina-nos a analisar e nomear esse movimento de cidadania que tomou conta da pequena Dom Joaquim:

[...] a civilidade não nasce nem se desenvolve se não se produz uma sintonia entre os dois atores sociais que entram em jogo, entre a sociedade correspondente e cada um de seus membros. Por isso, a sociedade deve organizar-se de modo a conseguir gerar em cada um de seus membros o sentimento de que pertence a ela, de que essa sociedade se preocupa com ele e, em consequência, a convicção de que vale a pena trabalhar para mantê-la e melhorá-la. Reconhecimento da sociedade por seus membros e consequente adesão por parte destes aos projetos comuns são duas faces da mesma moeda que, ao menos como pretensão, compõem esse conceito de cidadania que constitui a razão de ser da civilidade (CORTINA).

A liderança de Domingos Xavier mobilizou a população a exercer os seus direitos, garantidos pelo Estado, para preservar o patrimônio da cidade. A luta, porém, ainda estava longe de chegar ao fim. “Eu nunca pensei em desistir, sabia que uma hora aquelas antenas iriam ser retiradas da nossa Capelinha”, enfatiza Xavier. A capacidade de resiliência foi uma grande aliada do movimento em defesa do patrimônio.

“É muito importante, para mim, poder olhar a Capelinha do Cruzeiro, Padre Bento. Se eu aguentasse, cuidaria dela até hoje, seria o meu grande prazer. Amo a Capelinha. A Capelinha do Padre Bento me traz lembranças muito boas. Eu olho para lá e vejo a minha história, lá tem meu trabalho. Padre Bento fez o meu casamento, batizou o meu primeiro filho. Me lembro da construção da Capelinha, que foi na base da doação. O padre pediu a doação das telhas e foram todas doadas. Os moradores subiram com as telhas em procissão. Eu sempre estava lá ajudando.”

MARIA DE ASSIS SANTOS





Marchinha da Solidariedade
Tira Antenas da Capela do Padre Bento

Composição: Eulerson Rodrigues (2012)

*Quero saber quem é a "Peça Rara"
Que está fazendo hora com a minha cara
Eu tô que tô que não me aguento*

*Tira as antenas daqui, tira as antenas
Tira as antenas que eu quero rezar
Eu tô que tô que não me aguento
Acabaram com a Capela do Padre Bento*

*As minhas preces já não chegam mais
Os meus santos não me respondem mais
Também pudera! Com tanta interferência
Não há reza, não há prece, não há fé que aconteça*

*Tira as antenas daqui, tira as antenas
Tira as antenas que eu quero rezar
Eu tô que tô que não me aguento
Acabaram com a Capela do Padre Bento*



Sem acordo: a resistência não se abala

As operadoras de telefonia celular esquivaram-se de assinar o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), proposto pelo então Promotor de Justiça da Comarca de Conceição do Mato Dentro, Dr. Luiz Felipe Cheib. Durante uma reunião, na sede da Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, o Ministério Público do Estado de Minas Gerais MPMG formalizou a proposta de acordo para a

realocação das antenas para os representantes legais das empresas. As operadoras pediram um prazo de 15 dias para analisar o TAC, o que foi prontamente acatado. “O Ministério Público sempre busca a solução de litígios por meio do consenso”, afirma o Promotor de Justiça Marcelo Azevedo Maffra, que é atualmente o Coordenador das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais.

Mas a opção das companhias foi ignorar os apelos da sociedade para a realocação das antenas. “É inadmissível que uma empresa do porte da Claro chegue numa cidade pequena com uma postura tão arrogante, ignorando os desejos dos moradores”, analisa Domingos Xavier. Muitos se lembram dos imbróglios em torno do descompasso entre o local autorizado pela prefeitura para a doação e a efetivação da instalação das antenas no Morro da Palha. “Estava claro que a cidade – o cliente – não queria as antenas ali e isso deveria ter sido suficiente para a retirada”, acredita a Secretária Fernanda Ferreira Salvador.

Na ata da referida reunião, consta: “As empresas saem cientes de que a não manifestação no prazo estipulado importará na recusa da celebração do acordo e adoção das medidas judiciais cabíveis”. Ou seja, se elas não retornassem, dentro dos 15 dias, estaria entendido que não teria acordo e, como consequência, o caso iria para a justiça.

Em uma tentativa de postergar, sem justificativa, o prazo determinado, as empresas pediam mais e mais tempo

para responder. Diante da demora e des-caso, só restava ao MPMG entrar com uma Ação Civil Pública (ACP) em Defesa do Patrimônio Cultural da Cidade de Dom Joaquim – o que foi feito no dia 20 de setembro de 2010 –, subscrita pelo Promotor Dr. Luiz Felipe Cheib.

Diante da demanda urgente da população para resgatar seu patrimônio, a ACP pediu a tutela antecipada. Dessa forma, as antenas deveriam ser retiradas em até 120 dias, antes da conclusão da tramitação do processo. A ideia era garantir agilidade e evitar ficarem sujeitos aos prazos judiciais – imprevisíveis –, fato que prolongaria “o impacto visual estarrecedor, que compromete a relação da população com a cidade”, conforme descreve a nota técnica (IEPHA, 2009), apresentada no Capítulo 3.

Enquanto o Ministério Público cuidava das questões judiciais, Domingos Xavier seguia firme com o engajamento da comunidade. O caso foi parar na TV Globo Minas. A equipe de reportagem, assim como o MPMG, não conseguiu uma resposta objetiva das operadoras.



Concedida a liminar

No dia 28 de setembro de 2010, o Juiz Taunier Cristian Malheiros Lima, da Comarca de Conceição do Mato Dentro, concede liminar, determinando a retirada das antenas. “Havia uma diretriz normativa e provas claras”, afirma o Juiz. A sentença foi o marco da vitória da população de Dom Joaquim, embora a completa retirada das antenas somente tenha ocorrido após 10 anos (a primeira, em 2014 e a última, em 2020, no período da pandemia) da decisão favorável à preservação do patrimônio, e 12 anos depois do começo do movimento para a realocação das estruturas metálicas. Essa sentença respaldou os indeferimentos aos pedidos de recurso, requeridos pelas operadoras de celular.

A partir da decisão favorável à realocação, sem prejuízo do serviço de telefonia celular na cidade, as operadoras deram largada a uma guerra de narrativas judiciais, que avançou até o Superior Tribunal de Justiça (STJ) que, em janeiro de 2019, determinou a retirada em definitivo da última antena. Até então, as empresas recorreram reiteradamente das decisões que determinavam a retirada das antenas do Morro da Palha. O STJ é a corte responsável por uniformizar a interpretação da lei federal em todo o Brasil. É de sua responsabilidade a solução definitiva dos casos civis e criminais que não envolvam matéria constitucional nem a justiça especializada.

“Já estava evidente desde o começo”, completa o Juiz Taunier, “que era possível conciliar a qualidade da telefonia sem agredir o patrimônio cultural da cidade”. E, assim, foi feito. As operadoras mudaram as antenas de local e os celulares seguem funcionando perfeitamente. A retirada da última antena (Claro) só foi realizada no histórico dia 5 de novembro de 2020. E, no lugar de duas antenas, Claro e Oi, segundo a população, passaram a compartilhar a transmissão com apenas uma estrutura metálica.

“Por que não realocaram logo? O que gastaram com os melhores escritórios de advocacia do país, acredito, era suficiente para pagar a mudança da estrutura”, indaga Domingos Xavier. A questão faz coro com o pensamento de outros moradores e autoridades da cidade. “É difícil explicar por que não quiseram ouvir a população durante tanto tempo”, reforça o atual Prefeito de Dom Joaquim, Geraldo Adilson Gonçalves, o Dilsinho. A principal hipótese é de que as gigantes multinacionais querem mostrar o seu poder, a sua soberba e superioridade. Ou seja, a identidade corporativa é mais relevante do que a identidade cultural de toda uma cidade. Com várias antenas espalhadas pelos rincões do país, a população suspeitava de que as empresas, com a aceitação da mudança do local das antenas, temiam abrir precedentes. Por exemplo: se essa agressão ao patrimônio acontecerem em outros lugares, a população desses locais poderá se inspirar e também exigir a retirada, o que de fato ocorreu em Matias Cardoso/MG.

Hipóteses à parte, a comunidade de Dom Joaquim ficou em animado compasso de espera para o grande dia da

remoção das antenas. “Foi a combinação de forças dos Promotores, dos Vereadores, dos Deputados, dos Prefeitos, dos alunos, dos professores, dos pais, dos secretários, dos padres, dos jovens, dos comerciantes, das donas de casa, dos radialistas, dos jornalistas e dos escritores que fez a gente sair vitorioso. Se faltasse qualquer um desses participantes, o movimento não teria dado certo”, acredita Xavier. Todos os envolvidos foram homenageados com uma placa comemorativa.

Em 2012, o animado carnaval de Dom Joaquim teve um bloco especial, com marchinha exclusiva e tudo mais. *Tira Antenas*

da Capela do Padre Bento virou o hit da folia. Faixas, cartazes, postais, cartões de visita e outros recursos eram constantemente distribuídos. Eulerson Rodrigues, o compositor da marchinha, nunca tinha feito uma música com um propósito ou causa. “Ter esse papel social foi muito interessante”, conta. “O Seu Domingos abriu os olhos da cidade para lutar pelos seus direitos, agitou todo mundo. Aquele lugar tem muitas e muitas histórias, e não poderia ser invadido dessa forma”, afirma Simone de Almeida Campos Figueiredo, dona da Pousada Gaia.

Luta alegre e forte - carnaval em Dom Joaquim





Derrotas e o desfecho da vitória

“Cada vez que as operadoras entravam com um novo recurso na justiça e perdiam, a gente se fortalecia e comemorava”, lembra-se Domingos Xavier. Nesses 12 longos anos, houve, ainda, manifestações religiosas, com grupos de rezas em volta da Capela e encontros de oração. “Nunca perdemos a fé em resgatar a nossa Capela”, disse Dona Lucinha.

A imprensa permanecia acompanhado o caso. Em 2012, a Globo Minas fez mais uma reportagem com críticas às operadoras que, até então, seguiam recorrendo das decisões judiciais favoráveis à retirada. Segundo a jornalista Renata do Carmo, a Oi informou que não pretendia retirar a antena do local. A Claro, que não iria se manifestar sobre o assunto e que aguardaria o fim do processo judicial. Os apresentadores do jornal MGTV, à época, Artur Almeida e Isabela Scalabrini, parabenizaram Domingos Xavier pelo ato de cidadania em defesa do patrimônio.

“Nunca perdemos a fé em resgatar a nossa Capela.”

DONA LUCINHA

Legado relevante

A vitória do Seu Domingos virou uma inspiração para a consciência de cidadania, uma fundamentação para pesquisa acadêmica e uma referência para a preservação de outras cidades mineiras.



Reportagem sobre Matias Cardoso, cidade que obteve parecer judicial favorável para a remoção de antenas de telefonia



Artigo sobre o caso, publicado em renomado periódico jurídico



O grande dia

Era mais um dia que começava calmo, com céu praticamente sem nuvens, na tranquila Dom Joaquim, quando o engenheiro Cláudio Celestino Costa estava saindo de sua fazenda rumo ao centro da cidade. No caminho, ele observou uma movimentação diferente de caminhões. Foi apurar. “Confesso que quando saí para entender o que era já tinha uma suspeita”, lembra-se Celestino. Ele conversou com um dos motoristas e confirmou. No dia 05 de novembro de 2020, profissionais desembarcaram na cidade para fazer a retirada da última antena. Eles iriam, enfim, liberar a Capela do Padre Bento daquela cena metálica. “Peguei o celular para avisar o Seu Domingos”, acrescenta Celestino.

Em casa, em Belo Horizonte, emocionado, Seu Domingos Xavier acompanhou, ao lado de sua parceira amada Marleide, a retirada das gigantes metálicas. “Foi uma alegria imensa. Salvamos nossa Igrejinha, nossa Capelinha do Padre Bento”, comemora. E, é claro, houve celebração no melhor estilo alegre, como ele gosta. Teve mais uma marchinha de carnaval. Dessa vez, com o tema da vitória.

Legado cidadão



A luta foi longa, mas a lista de vitórias nesse período, também. “Esse movimento deixou um legado de cidadania para a cidade”, afirma a Secretária Fernanda Ferreira Salvador. “A chegada do celular era um luxo, um símbolo do progresso, nem se pensava que seria possível questionar as condições desse serviço e, muito menos, seus impactos na paisagem da cidade”, completa.

Dentre as principais conquistas paralelas alcançadas pelo movimento para a realocação das antenas está, sem dúvida, a conclusão do processo de tombamento do sítio do Morro da Palha, onde fica a Capela do Padre Bento. “Temos, agora, a garantia da preservação do patrimônio. Temos que seguir as regras do Conselho do Patrimônio”, explica Fernanda.

A opinião sobre a importância do legado do movimento é compartilhada pela atual Secretária Municipal da Fazenda de Dom Joaquim, Flávia Elaíse Salvador. “É possível aprender com as experiências dos

outros. Nessa gestão, estudamos exaustivamente todos os trâmites de prestadores de serviços e empresas que chegam à prefeitura. Não autorizamos um alvará sem uma análise de impactos. Sempre nos lembramos dessa história das antenas”, afirma. O ex-Prefeito Romani Thomaz Frois conta que aprendeu muitas lições. “A administração ficou bem mais criteriosa com os processos de licenciamento”.

“Eu gosto e entendo a importância de cuidar do patrimônio. Aqui na casa paroquial, seguimos à risca as regras para manter a arquitetura bem cuidada”, conta o padre Mário Gomes dos Santos. “Eu não estava aqui, cheguei recente, mas o movimento me inspira a cuidar bem da cidade”, completa o pároco.

Para o professor Benoni de Assis Santos, a vivência do movimento para retirada das antenas do Morro da Palha foi um ótimo aprendizado para saber lidar com a mineração. “Logo depois, a mineradora Anglo American chegou por aqui. E já

sabíamos que não precisamos aceitar tudo, que podemos e devemos questionar”.

“A mobilização realizada pelo Seu Domingos serve mesmo de inspiração para outros movimentos de participação popular e cidadania. Até mesmo para a implantação de projetos de lei por meio da iniciativa popular”, avalia o Juiz Taunier de Lima.

O Engenheiro Cláudio Celestino Costa, que acompanhou, ativamente, Seu Domingos no movimento, foi um dos que não largou mais a atuação social. Em seguida, começou a atuar na preservação ambiental, com o projeto do Papagaio do Peito Roxo, nativo da região. Afinal, a identidade cultural reforça o vínculo e o pertencimento dos cidadãos com a cidade.

A comerciante Dirlene do Porto Ribeiro Teixeira engrossa a lista dos moradores que saíram fortalecidos com a vitória. “Até a autoestima da gente melhorou. Quando desrespeitam o nosso espaço, a gente se sente muito sem importância”, explica. “Eles não imaginavam com quem estavam mexendo”, acrescenta o Fabinho, Fábio de Pinho Rabelo.

O desfecho do movimento liderado por Domingos Xavier também serviu de referência na esfera jurídica. O caso foi tema de estudo e artigo publicado, em 2020, na renomada *Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico*. A argumentação jurídica do Promotor Dr. Luiz Felipe Cheib, na sentença inicial, foi destacada como decisiva para a defesa patrimonial cultural e ambiental.

E para a tristeza das operadoras de telefonia celular, outras cidades também conseguiram, a partir do precedente de Dom Joaquim, sentenças judiciais favoráveis para a retirada de antenas que agrediam seus patrimônios históricos e culturais. Diante dos graves atos contra o bem material e cultural, praticados nas sedes dos Três Poderes, em Brasília/DF, no dia 8 de janeiro de 2023, nos vimos provocadas a reforçar a importância da defesa permanente dos nossos bens culturais que, independente do seu valor ou onde estão instalados, são componentes da identidade de toda nação.

Fernanda Ferreira Salvador,
Secretária Municipal de Turismo e Cultura



Flávia Elaíse Salvador, Secretária
Municipal da Fazenda de Dom Joaquim



Engenheiro Cláudio Celestino



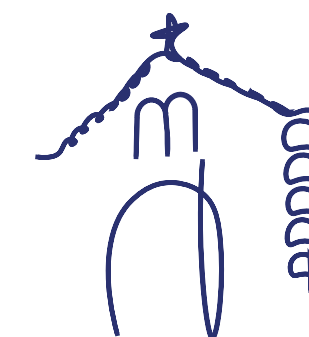
Professor Benoni de Assis



Da esquerda para a direita: Geraldo Adilson Gonçalves (Dilsinho), Prefeito; Romani Thomaz Frois, Ex- prefeito; Marcelo Azevedo Maffra, Promotor; Mário Gomes dos Santos, Padre

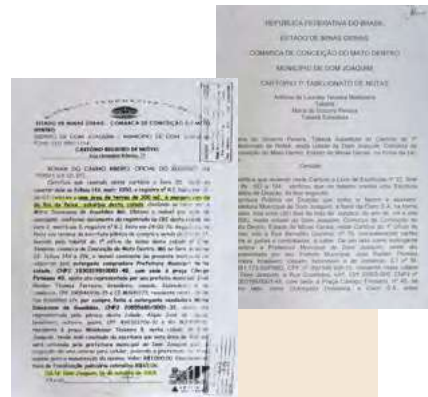
AÇÃO CIVIL PÚBLICA

“Trata-se do mais importante instrumento de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, quando há a necessidade de se acionar o Poder Judiciário. A ação civil pública, regulamentada pela Lei n.º. 7.347/85, poderá ter por objeto evitar o dano ao patrimônio (ex: evitar a expedição de alvará para demolição de um casarão histórico), repará-lo (ex: restaurar uma igreja colonial em estado de abandono) ou buscar a indenização pelo dano causado, sendo viável a pretensão de condenação em dinheiro (ex: quando não for possível tecnicamente a recuperação de um bem cultural mutilado), do cumprimento de obrigação de fazer (ex: efetuar reparos emergenciais em bem tombado) ou não fazer (ex: não instalar empreendimento minerador nas imediações de um sítio arqueológico), além da declaração de situação jurídica (ex: reconhecimento do valor cultural de determinado bem)” (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CULTURA DE OURO BRANCO, 2007, p. 14)..

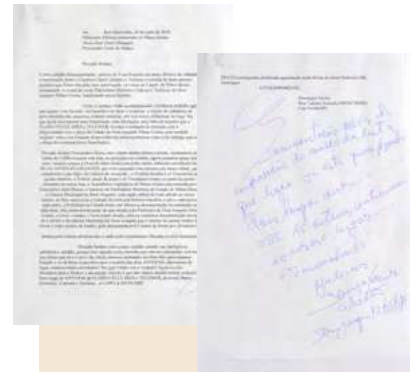


A trajetória vitoriosa da

mobilização popular



Tramitação para instalação das antenas



Cartas enviadas para os Deputados e Governadores



Visita da ALMG em Dom Joaquim. Nota Técnica do IEPHA



Proposta do TAC



Movimentos na cidade



2007

2008

2009

2010

2012

2013 a 2019

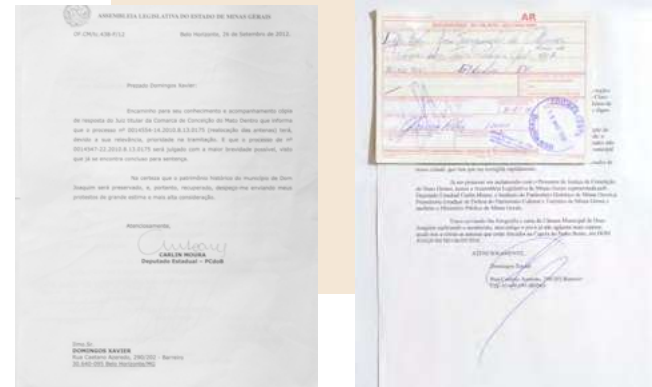
2019

2020

Domingos Francisco Xavier começa o movimento



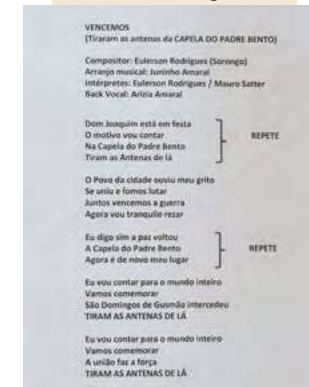
Ação Civil Pública



Operadoras perdem dois recursos



Sentença favorável do STJ



Retirada das antenas



VENCEMOS, TIRARAM AS ANTENAS
DA CAPELA DO PADRE BENTO

Composição: Eulerson Rodrigues (2023)

*Dom Joaquim está em festa,
o motivo vou contar,
na Capela do Padre Bento,
tiraram as antenas de lá.*

*O povo da cidade ouviu meu grito,
se uniu e fomos lutar,
juntos vencemos a guerra,
agora eu vou tranquilo rezar.*

*Eu digo sim, a paz voltou,
a Capela do Padre Bento,
agora é de novo o meu lugar.*

*Eu vou contar pro mundo inteiro,
vamos comemorar,
São Domingos de Gusmão intercedeu,
tiraram as antenas de lá.*

*Eu vou contar pro mundo inteiro,
vamos comemorar,
a união faz a força,
tiraram as antenas de lá, tiraram as
antenas de lá, tiraram as antenas de lá.*

Segunda Marchinha, composta em
2023, em comemoração à conquista
da retirada das antenas da Capela
do Padre Bento em Dom Joaquim



Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte/MG. Divulgação. Disponível em: <https://mediaserver.almg.gov.br/acervo/381/271381.jpg> Acesso em: 17 ago. 2022.

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CULTURA DE OURO BRANCO. *O papel do Ministério Público na defesa do patrimônio cultural*. 2007. Disponível em: <https://urbanismo.mppr.mp.br>. Acesso em: 17 ago. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CLARO. [Carta]. Destinatário: Domingos Xavier. Belo Horizonte, 15 set. 2009.

FREITAS, Marcelo de Brito Albuquerque Pontes. Mário de Andrade e Aloísio Magalhães: dois personagens e a questão do patrimônio cultural brasileiro. *Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP*, São Paulo, v. 7, p. 71-93, 1997.

GRUPO GLOBO. Rio de Janeiro/RJ. Portal de notícias. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro/RJ. Portal de informações geográficas e estatísticas do Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/dom-joaquim/historico>. Acesso em: 17 ago. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. [Nota técnica]. Destinatários: Claro e Oi. Belo Horizonte, nov. 2009.

MINAS GERAIS. Lei no 11.726 de 30 de dezembro de 1994. Dispõe sobre a política cultural do Estado de Minas Gerais. Minas Gerais, Belo Horizonte, 31 dez. 1994. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/11726/1994/?cons=1>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/portal/menu/areas-de-atuacao/cidades-e-meio-ambiente/patrimonio-cultural>. Acesso em: 17 ago. 2022.

OLIVEIRA, Cristiano. O inventário como instrumento de proteção ao patrimônio histórico e cultural: ensaio para uma compreensão constitucionalmente adequada a partir do caso da Capela do Padre Bento, em Dom Joaquim/MG. *Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico*. São Paulo: Ed. Lex, 2020.

RABELO, Dirceu Thomaz. *Festa no Dom Joaquim antigo*. Blog do Dirceu Rabelo. 07 de março de 2012. Disponível em: <https://dirceurabelo.wordpress.com/2012/03/07/festa-no-dom-joaquim-antigo/>. Acesso: 17 ago. 2022.

RABELO, Dirceu Thomaz. *Festa do Padroeiro de Dom Joaquim*. Blog do Dirceu Rabelo. 06 de julho de 2010. Disponível em: <https://dirceurabelo.wordpress.com/2012/03/07/festa-no-dom-joaquim-antigo/>. Acesso: 17 ago. 2022.

IDE
NTI
DADE

Capela

R E S G A T E

História

CIDADANIA

Uma igreja

HUMANIDADE

Memória

Realização:

 Compreender
consultoria em responsabilidade social



ISBN 978-65-5872-446-9



9 786558 724469



AUDIODESCRIÇÃO DO LIVRO UM HOMEM E SEU LUGAR – EXEMPLO DE CIDADANIA

Este é um arquivo PDF acessível com audiodescrição, para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso ao conteúdo e às informações contidas em cada imagem. É possível fazer a leitura do texto e das imagens. Para isso, todas as imagens foram audiodescritas e as audiodescrições embutidas em código, permitindo sua identificação pelos softwares leitores de tela usados por este público. Inserimos a audiodescrição no final do livro para que leitores interessados na audiodescrição de imagens possam conferir o trabalho, identificado pelas páginas.

Audiodescrição: VER COM PALAVRAS.

Audiodescrição de imagens: Wagner Caruso .

Revisão: Lívia Motta.

Consultoria: Laercio Sant'Anna.

Formatação PDF acessível: Wagner Caruso.

Consultoria em acessibilidade: Laercio Sant'Anna.

CAPA.

AUDIODESCRIÇÃO: A capa com fundo azul tem o título: *Um homem e seu lugar*, escrito em duas linhas, com letras cursivas brancas, centralizado, e o subtítulo: *Exemplo de cidadania*, escrito com letras cursivas brancas, em tamanho menor, logo abaixo. Uma fina moldura retangular branca, na vertical, contorna o título na lateral esquerda.

SEGUNDA CAPA E FOLHA DE ROSTO

AUDIODESCRIÇÃO: A segunda capa e folha de rosto, com fundo branco, têm várias palavras, escritas com letras de forma e cursivas com tamanhos variados, na cor cinza claro, com destaque para as palavras Capela, no canto superior esquerdo, e História, centralizada e alinhada à direita, escritas com letras cursivas garrafais, com linhas desenhadas.

PÁGINA 1

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo branco, com o título do livro centralizado na parte superior, escrito em três linhas, e o nome da autora na parte inferior, escritos com letras azuis. A frase "Um homem e seu lugar", está escrita com letras cursivas grandes, com linhas desenhadas.

PÁGINAS 2 e 3.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em plano geral, tirada ao entardecer, de Domingos Xavier, de pé ao lado de uma grande cruz branca, na praça em frente a Capelinha do Cruzeiro, com passeio de pedras em tons de marrom claro e jardim

gramado, no Morro da Capela do Cruzeiro em Dom Joaquim, Minas Gerais. Seu Domingos é negro, corpulento, tem cabelos castanhos curtos penteados para trás; usa camisa azul de mangas curtas e calça cinza. Ao fundo, a capelinha com paredes brancas, porta e janelas em arco com moldura azul, com uma cruz no topo do telhado. À direita, alguns postes com luzes amarelas acesas contornam a praça. O céu está carregado de nuvens acinzentadas.

PÁGINA 4.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Os dados internacionais de catalogação da publicação, estão escritos dentro de uma caixa de texto retangular com bordas arredondadas, na parte inferior da página.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Os logotipos dos realizadores são compostos por desenhos e letras, coloridas.

PÁGINA 5

AUDIODESCRIÇÃO: A palavra Sumário no cabeçalho, está escrita com letras de forma azul, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 7

AUDIODESCRIÇÃO 1: Assinatura de Célia Maria Corsino, manuscrita com caneta preta.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A página com fundo branco é ilustrada com um desenho à mão livre, com linhas finas cor de laranja, da Capelinha do Cruzeiro, no canto inferior direito. A capelinha tem uma porta em arco, centralizada, duas janelinhas também em arco do campanário, logo acima, e telhado com formato triangular, com uma cruz no topo.

AUDIODESCRIÇÃO 3: A palavra Prefácio no cabeçalho, está escrita com letras de forma azul, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 8 e 9

AUDIODESCRIÇÃO: A palavra Introdução no cabeçalho, está escrita com letras de forma azul, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 10

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida tirada de dia com céu azulado e nuvens branquinhas, da rua vereador João Rabelo Madureira, Dom Joaquim, Minas Gerais, mostra em primeiro plano, no meio da rua, quatro palmeiras imperiais bem altas, com as copas repletas de folhas longas pinadas (formato de pena) e esverdeadas, tronco acinzentado com a parte inferior pintada de branco, enfileiradas. Ao centro, um casarão com paredes brancas, com dois pavimentos, bem na esquina. No primeiro pavimento, nove portas retangulares, sendo duas em arco, todas com moldura azul; no segundo pavimento, dez janelas venezianas de madeira com folhas articuladas, azuis. Ao fundo, bem no alto do

Morro do Cruzeiro, a Capelinha do Padre Bento, com paredes brancas, portal e janelinhas do campanário em arco, emolduradas de azul, com uma cruz no topo do telhado. Do lado esquerdo da capelinha, duas gigantescas torres de telefonia com estrutura metálica. A fotografia ocupa dois terços da página com fundo cor de laranja. Créditos: Ricardo Barbosa / ALMG.

PÁGINA 11

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cor de laranja, ilustrada com um desenho à mão livre da Capelinha do Cruzeiro, do Padre Bento, com linhas finas bege claro, centralizado. A capelinha tem um portal em arco, ao centro, com duas janelinhas acima, lado a lado, também em arco. O telhado com formato triangular tem uma cruz no topo. O texto logo abaixo do desenho está escrito com letras de forma brancas.

PÁGINAS 12 e 13

AUDIODESCRIÇÃO: fotografia colorida, em plano geral, tirada do alto de uma montanha em dia de céu encoberto por nuvens esbranquiçadas, mostra do lado esquerdo, a capelinha do Padre Bento, vista de lado, no alto do Morro da Capela do Cruzeiro, com uma cruz branca à direita, na entrada principal, da altura do telhado. A capela, uma pequena edificação com formato retangular, tem a parede branca, com um portal ao centro e duas janelas laterais em arco, emolduradas de azul. Na parte inferior da foto, no vale entre as montanhas, uma rua estreita e extensa, com várias casas. Do lado direito, uma parte da área central da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, com ruas arborizadas, com várias casas térreas, edificações com dois e três pavimentos e alguns sítios no entorno. Ao fundo, uma cadeia de montanhas com predominância de vegetação rasteira e arbustos esverdeados, com poucas árvores.

PÁGINAS 14 e 15

AUDIODESCRIÇÃO: Páginas ilustradas com quatro fotografias coloridas, tiradas de dia, de edificações com arquitetura em estilo colonial, da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais. As imagens com formato retangular, estão alinhadas, lado a lado, na parte inferior das páginas. Da esquerda para a direita são elas:

Audiodescrição 1: A fotografia da Praça Waldemar Teixeira, Dom Joaquim, Minas Gerais, mostra em primeiro plano, à direita, uma cruz de madeira com aproximadamente 10 metros de altura, em cima de uma base quadrada com quatro degraus de escada; à esquerda, uma árvore com galhos alongados na horizontal. Ao fundo, entre os galhos e as folhagens esverdeadas, a fachada amarela da Igreja Matriz São Domingos de Gusmão, com uma torre retangular bem alta, à frente da edificação, com portal central, centralizado.

Audiodescrição 2: A fotografia tirada do meio da rua, ao lado de uma praça, mostra ao fundo um sobrado com paredes brancas manchadas e dois pavimentos, uma casa térrea à direita, com paredes amarelas, e outra casa baixa com grades brancas à esquerda, todas

bem juntas. O sobrado tem quatro portas de madeira, com duas folhas cada, no primeiro e segundo pavimentos. Uma sacada com guarda-corpo de ferro vazado está no pavimento superior. O telhado com duas águas têm formato triangular. A casa térrea amarela tem duas portas e cinco janelas de madeira, pintadas de azul escuro, dispostas simetricamente. O telhado com duas águas têm telhas coloniais de cerâmica vermelha.

Audiodescrição 3: A fotografia tirada de uma praça, mostra ao fundo um sobrado de esquina, com dois pavimentos, paredes brancas, muitas portas e janelas azuis, com pintura desbotada. O telhado com formato triangular tipo duas águas, tem telhas coloniais de cerâmica vermelha. Do lado esquerdo do sobrado, outras edificações residenciais com um e dois pavimentos, com sacada e guarda-corpo com balaústre de madeira. Uma árvore pequena de ramos e folhas finas funde-se com a fachada do sobrado branco. Em primeiro plano, árvores com troncos grossos, com a parte inferior pintada de branco.

Audiodescrição 4: Fotografia da fachada de uma casa térrea com paredes brancas, três janelas azuis, em estilo colonial, e com um barrado na parte inferior da fachada, revestido com pedras pintadas de azul, com manchas marrons e pretas de umidade. A calçada na frente da casa buracos e está suja de terra. Em primeiro plano, à esquerda, imagem desfocada de um homem andando de bicicleta na rua esburacada.

AUDIODESCRIÇÃO 5: O cabeçalho no canto superior esquerdo da página 50, está escrito em duas linhas, a frase da primeira linha está escrita com letras de forma azuis e a palavra cidadania, na segunda linha, está em destaque, escrita com letras cursivas grandes, azuis, com linhas desenhadas.

PÁGINAS 16 e 17

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada à noite, de uma praça na cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, com árvores e jardim gramado, iluminada por luzes brancas dos postes. Um monumento, composto por uma lua crescente e um violão na diagonal, sobre um pedestal quadrado de alvenaria, está no centro da praça. O monumento é uma homenagem ao Professor Mozart Bicalho, compositor do Hino da Cidade. No entorno da praça várias edificações térreas e assobradadas.

PÁGINA 18

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com fotografias em preto e branco e coloridas tiradas no município de Dom Joaquim, Minas Gerais, duas em cima, lado a lado, e uma fotomontagem embaixo com 5 fotografias. Da esquerda para a direita são elas:

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia em preto e branco de uma pequena casa de pau a pique, que consiste em uma construção com paredes de madeiras roliças entrelaçadas com os vãos preenchidos por barro. O telhado com formato triangular, duas águas, é coberto com madeira e palha. Do lado direito da parede, um vão retangular do chão até o teto. Legenda: Memórias: a casa de pau a pique, na Rua do Cruzeiro.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida tirada em dia de céu nublado, da fazenda de Seu Domingos. Em primeiro plano, uma estradinha e uma cerca de madeira. Ao fundo, um casarão branco assobradado com dois pavimentos, com uma extensa área à frente, com chão de terra vermelha. No pavimento inferior, à esquerda, um galpão com porteira de madeira; ao centro, a porta de entrada principal; na lateral direita, janelas em arco. No centro do casarão, uma escada externa de pedra dá acesso ao pavimento superior, com sacada em toda extensão, protegida com guarda-corpo, alpendre, duas portas e quatro janelas em arco, azuis, dispostas simetricamente. Legenda: Lugar de afeto: a fazenda onde a família de Seu Domingos se constituiu e viveu até 1942

AUDIODESCRIÇÃO 3: A fotomontagem com cinco fotografias em preto e branco reproduz a fazenda e seu entorno. Na parte de baixo, centralizada, uma casa térrea, contornada por folhagens e pequenos arbustos, com cerca de madeira escurecida à frente, porta e janelas de madeira rustica; o telhado tipo três águas, é coberto com telhas coloniais com formato arredondado. No canto esquerdo da casa, uma estradinha com chão com árvores baixas e vegetação rasteira. Na parte superior, duas fotos, lado a lado, ilustram a paisagem vista por cima do telhado da casa. Do lado esquerdo, uma extensa área com vegetação rasteira aparada, mais ao centro um milharal, uma cerca de arame e uma área com arbustos e árvores baixas na encosta de um morro; ao fundo, uma cadeia de montanhas com vegetação abundante.

PÁGINA 21

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, tirada ao entardecer com céu encoberto de nuvens acinzentadas, mostra à esquerda, Domingos Xavier da cintura para cima, de lado, olhando para o alto com olhar reflexivo, com a Capelinha do Cruzeiro, um pouco desfocada, do lado direito, com uma cruz no topo. Domingos é um homem negro idoso, corpulento, com cabelos castanhos crespos e curtos, penteados para trás; ele usa camisa xadrez de preto e branco, de mangas curtas. A capelinha com paredes brancas, pintura descascada e manchada pela ação do tempo, tem uma grande porta em arco, ao centro, emoldurada por tijolos pintados de azul. No alto, duas janelinhas em arco, com moldura azul. O telhado com formato triangular tem uma cruz no topo.

PÁGINAS 22 e 23

AUDIODESCRIÇÃO 1: A fotografia colorida tirada em dia de céu encoberto com nuvens densas acinzentadas, mostra em primeiro plano um cavalo branco, com as patas, crina e rabo com coloração amarelada, com sela na rua, ao lado de uma calçada estreita, com muro marrom. Atrás do muro uma área verde com muitas árvores. Ao fundo, no canto superior esquerdo, bem no alto do morro, a Capelinha do Padre Bento.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O cabeçalho do texto da página 23 está em destaque, escrito com letras de forma grandes cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 24

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, em primeiro plano (do peito para cima), de Dirlene do Porto Ribeiro Teixeira, sentada em uma cadeira de madeira com encosto alto, sorridente. Ela é uma mulher branca com rosto oval, tem cabelos castanhos avermelhados, na altura dos ombros, olhos pequenos, nariz largo e boca pequena com batom vermelho. Usa blusa branca com estampas florais em tons de azul, aberta na frente, sobre blusa lingerie azul. Do lado esquerdo, imagem desfocada de folhagens e uma flor vermelha.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A página com fundo branco é ilustrada, no canto inferior esquerdo, com um desenho à mão livre com linhas finas cor de laranja, da capelinha do Padre Bento, com uma porta em arco e duas janelinhas em arco, telhado com formato triangular e um pequeno cruzeiro no topo.

AUDIODESCRIÇÃO 3: O depoimento de Dirlene está escrito com letras de forma azuis, em negrito.

PÁGINA 25

AUDIODESCRIÇÃO 1: A fotografia colorida, tirada do alto de um morro, em dia de céu azul encoberto por nuvens esbranquiçadas, mostra a capelinha do Padre Bento, vista de lado, com um grande cruzeiro de madeira pintado de branco, à direita, no alto do Morro do Cruzeiro. A capela, uma pequena edificação, tem a parede lateral branca, com um portal ao centro e duas janelas em arco, emolduradas de azul. Em primeiro plano a encosta íngreme do morro com abundante vegetação rasteira e algumas árvores. Ao fundo, uma montanha coberta por uma vasta floresta tropical.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Os depoimentos de Alice e Wander estão escritos com letras de forma azuis, em negrito.

PÁGINAS 26 e 27

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida da fachada da capelinha do Cruzeiro, no alto da montanha, tirada de baixo para cima, em dia de sol com céu azul. A capela com paredes brancas, tem colunas de blocos quadrados nas laterais, sobrepostos, pintados de azul, uma grande porta em arco emoldurada com tijolinhos azuis, escada de pedra à frente, com dois degraus, duas janelinhas em arco, acima da porta, e telhado com formato triangular com um pequeno cruzeiro no topo. Do lado esquerdo, duas torres de telefonia bem altas com estrutura metálica e formato triangular. Embaixo da foto a legenda: Degradação: o cenário histórico comprometido pelas antenas. A fotografia está centralizada entre dois blocos textos. Crédito: Ricardo Barbosa, ALMG.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O cabeçalho do texto da página 26 está em destaque, escrito com letras de forma grandes cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 28

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida tirada de dia, mostra à direita, a porta de madeira azul, da Capelinha do Padre Bento, aberta, com algumas rachaduras verticais,

com uma grande janela circular de vidro transparente, centralizada. Através da janela observamos ao fundo, a cidade de Dom Joaquim em um vale, contornada por uma cadeia de montanhas com vasta vegetação. Do lado esquerdo da porta, no passeio de pedra no entorno da capelinha, um cruzeiro grande e alto, em cima de um pedestal de concreto, branco. A metade superior da cruz está com a tinta descascada e a barra horizontal está pichada com tinta preta.

PÁGINA 29

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cor de laranja, com a silhueta do rosto de Domingos Xavier, de lado, feita com a técnica do traço contínuo, branco. O texto abaixo do desenho está escrito com letras de forma, brancas.

PÁGINAS 30 e 31

AUDIODESCRIÇÃO: Páginas ilustradas com oito fotografias coloridas, alinhadas, lado a lado, quatro na metade superior e quatro na metade inferior. Da esquerda para a direita, são:

Audiodescrição 1: Fotografia colorida, em plano americano (dos joelhos para cima), de Domingos Xavier ao lado de Petrina Gonçalves Ribeiro, abraçados e sorridentes, embaixo da sombra de um caramanchão bem amplo, coberto de galhos e folhagens esverdeadas, galhos de trepadeiras e alguns vasos no entorno. Petrina é uma mulher negra idosa de estatura mediana, com cabelos brancos curtos penteados de lado, olhos e boca pequenos, nariz largo, com marcas de expressão bem acentuadas na testa e nas pálpebras. Ela usa blusa azul de tricô de mangas longas no comprimento dos joelhos, aberta na frente, sobre vestido longo com estampa floral, multicolorido. Domingos é um homem negro idoso, alto e corpulento, com cabelos pretos um pouco grisalhos, crespos e curtos, penteados para trás. Ele usa camisa vermelha de mangas curtas e calça cinza.

Audiodescrição 2: Fotografia colorida tirada em dia de céu nublado, de uma rua da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, com asfalto sujo de terra vermelha e calçadas estreitas. Do lado esquerdo, a fachada lateral de um casarão assobradado com dois andares, estilo colonial, com paredes amarelas, emoldurado com uma faixa estreita azul escuro, no pavimento térreo, três janelas quadradas, com grade de ferro salientes, e quatro janelas azuis, com duas folhas cada, no pavimento superior. Um homem anda de bicicleta no meio da rua e outro caminha na calçada, à direita, com uma bolsa no ombro. Ao fundo, duas casas térreas, uma amarela e outra cinza com janelas em arco. Atrás das casas, no alto dos telhados, a copa esverdeada e frondosa de árvores, encobertas por uma nevoa esbranquiçada.

Audiodescrição 3: Fotografia colorida de Domingos Xavier conversando com o professor Benoni de Assis, sentados em cadeiras de ferro tubular marrom, encostadas em uma parede branca com uma janela de vidro ao centro, na varanda de uma casa, ao ar livre. Seu Domingos está à esquerda, com olhar fixo à frente, com os braços apoiados nas coxas, com as pontas dos dedos das mãos unidas entre as pernas. Ele é um homem negro com cabelos castanhos curtos penteados para trás; usa camisa vermelha de mangas

curtas e calça cinza. Benoni está sentado do lado direito, com o rosto levemente virado para à esquerda, com o braço apoiado no braço da cadeira. Ele é um homem negro de pele clara, idoso, com cabelos grisalhos bem curtos, com entradas. Ele usa blusa de malha azul escuro, com gola alta, com mangas compridas e calça jeans. Em primeiro plano, imagem desfocada de um guarda-corpo de ferro vazado e um vaso com folhagens.

Audiodescrição 4: Fotografia colorida tirada em dia de céu esbranquiçado, de um casarão de esquina, com dois pavimentos. As paredes do pavimento térreo são revestidas com pedras na metade inferior e pintadas de branco na metade superior. No pavimento superior, as paredes são na cor verde claro. No pavimento inferior, a fachada lateral esquerda tem duas portas marrons, com pequenas bandeiras brancas retangulares, no topo e três janelas de vidro; a fachada frontal, à direita, tem duas portas, com pequenas bandeiras brancas no topo e uma porta em arco. No pavimento superior, são oito janelas com pequenas bandeiras verdes no topo; e duas janelas em arco. A calçada da fachada lateral esquerda do casarão é revestida de pedra e encontra-se em um nível mais elevado ao da rua. Algumas pessoas andam no meio da rua à esquerda.

Audiodescrição 5: Fotografia colorida, tirada de dia, em uma rua da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, mostra três mulheres negras, andando lado a lado, duas no meio da rua pavimentada com blocos de concreto e a outra na calçada estreita. Ao fundo, a fachada lateral de uma casa de esquina, com muro de pedras e janelas em arco. No alto, acima do telhado, vemos uma parte da torre amarela da Igreja Matriz São Domingos de Gusmão e a copa de uma palmeira.

Audiodescrição 6: Fotografia colorida de Seu Domingos de pé, à direita, conversando com Bruno Santos Ribeiro, diretor da Escola Estadual Cristiano Machado, sentado à mesa de trabalho à esquerda, com a mão em cima de um livro aberto. Eles estão em uma sala com paredes verde e bege, com um quadro pendurado na parede da direita e uma cruz pendurada na parede da esquerda, atrás da mesa do diretor. Domingos é um homem negro com cabelos castanhos curtos penteados para trás; usa camisa vermelha de mangas curtas e calça cinza. Bruno é um homem negro com cabelos castanhos curtos penteados para trás com barba e bigode; usa jaqueta jeans.

Audiodescrição 7: A fotografia colorida em plano geral, tirada do alto, em dia de céu esbranquiçado, mostra uma rua íngreme pavimentada com blocos de concreto, nas encostas de um morro, na cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, com algumas pessoas andando no meio da rua, carregando sacolas. Do lado direito, duas casas assobradadas, uma com as paredes verdes e a outra com paredes amarelas. Na encosta da montanha, à direita, algumas casas térreas e um casarão com varanda envidraçada. No alto do morro, bem no topo, a parte superior da Capelinha do Padre Bento. Do lado direito, à frente da capela, uma cruz branca bem grande. Em primeiro plano, à esquerda, um poste de concreto com transformador, com fios esticados em todas as direções se misturando à paisagem.

Audiodescrição 8: Fotografia colorida de Fernanda Ferreira Salvador, Secretária Municipal de Turismo e Cultura, sentada à mesa de reunião na Secretaria Municipal da Fazenda de Dom Joaquim, Minas Gerais, ao lado de Domingos Xavier. Fernanda está à direita, com os braços apoiados na mesa, e Seu Domingos está à esquerda, ambos olhando fixamente para uma pessoa sentada na frente deles, do outro lado da mesa. Fernanda é uma mulher branca com cabelos pretos, lisos e compridos, penteados para trás e presos, olhos castanhos claros. Ela usa blusa de crochê bege e marrom, com gola redonda e mangas compridas. Na parede bege, ao fundo, dois quadros com retratos em preto e branco.

PÁGINA 32

AUDIODESCRIÇÃO: O título do cabeçalho está em destaque, escrita com letras de forma azul, em duas linhas. A frase "A resistência" na primeira linha, está escrita com letras de forma sobre uma tarja bege e a palavra alegre está escrita logo abaixo com letras cursivas grandes, com linhas desenhadas.

PÁGINA 33

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com duas fotografias coloridas de Domingos Xavier, alinhadas na vertical, à esquerda.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida tirada de cima para baixo, em plano detalhe, das mãos de Domingos Xavier, abertas em cima de uma fotografia da Capelinha do Padre Bento que está sobre uma pasta amarela de plástico no seu colo. Ele usa relógio de pulso redondo com pulseira dourada e aliança na mão esquerda.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida tirada de cima para baixo, de Domingos Xavier, sentado em um sofá cinza escuro, entre um amontoado de documentos, fotografias e pastas de plástico coloridas espalhadas no assento, segurando uma fotografia no colo e olhando para o alto, sorridente. Domingos é um homem negro, idoso, com cabelos castanhos crespos e curtos penteados para trás; ele usa camiseta branca de mangas curtas. Ele está em uma sala com parede verde, ao fundo, com vários quadros com certificados e um banner com fotografias pendurados; do lado esquerdo, em cima de um móvel de madeira, vasos com flores coloridas e peças de artesanato.

AUDIODESCRIÇÃO 3: O texto do lado direito das fotografias está escrito dentro de uma caixa de texto retangular, com borda e letras, azuis; o título está escrito com letras brancas sobre uma tarja azul.

PÁGINA 34

AUDIODESCRIÇÃO: O depoimento do Seu Domingos alinhado à esquerda, na parte inferior, está escrito com letras azuis, em negrito.

PÁGINA 35

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia com vista panorâmica, tirada de dia, com céu encoberto de nuvens esbranquiçadas, do alto de um morro, mostra a pequena cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, em um vale contornado por morros e montanhas com vasta vegetação, com destaque para a igreja Matriz São Domingos de Gusmão, ao centro, com fachada amarela e uma torre bem alta com campanário, relógio e uma cruz no topo. Ao redor, várias edificações residenciais e comerciais, praças e ruas arborizadas.

PÁGINAS 36 e 37

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, de mãos segurando um pedaço de papel bege, com o texto da pesquisa realizada pela pesquisadora Maria Lúcia Lima sobre o Padre Bento, manuscrito com caneta preta, reproduzido a seguir: "Queremos com esta homenagem reavivar a história do grande e santo homem que foi Cônego Bento e aproveitando a oportunidade vamos mais uma vez pedir a conservação do patrimônio histórico que é a Capela do Bom Jesus. Faremos um protesto para que transfiram as antenas que foram colocadas próximas à igreja...Olhar lá para cima e deparar com aquelas antenas dói o coração.". Ao fundo, imagem desfocada de tecido amarelo.

PÁGINA 38

AUDIODESCRIÇÃO 1: Página com fundo branco, com o desenho à mão livre da capela como marca d'água, ocupando toda página. No canto inferior esquerdo, um desenho menor da capela, com linhas finas cor de laranja, vívido. A capelinha tem uma porta em arco, centralizada, com duas janelinhas acima, lado a lado, também em arco, telhado com formato triangular e um pequeno cruzeiro no topo.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Os depoimentos do ex-prefeito Romani e do professor Benoni, estão em destaque, escritos com letras azuis, em negrito.

PÁGINA 39

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia em preto e branco, esbranquiçada, tirada de dia, de várias pessoas, homens e mulheres, de mãos dadas, em volta da Capela do Padre Bento, no alto do morro do Cruzeiro, em um abraço simbólico. A frente da capelinha tem paredes brancas, com um grande portal em arco, ao centro, com moldura de tijolos, escadinha de pedra com dois degraus, duas janelinhas em arco do campanário, acima da porta e um cruzeiro no topo do telhado. Do lado esquerdo, duas torres de telefonia bem altas com estrutura metálica e formato triangular.

PÁGINA 40

AUDIODESCRIÇÃO 1: Recorte de jornal com coloração amarelada, com a manchete e reportagem reproduzidas a seguir: DOM JOAQUIM – Morador defende retirada de antenas. Domingos Xavier – Dom Joaquim-MG. "Desde 21 de setembro de 2010, há um processo na Comarca de Conceição de Mato Dentro sobre a retirada de antenas das operadoras Claro e Oi Telemar das proximidades da histórica Capela do Padre Bento na

cidade de Dom Joaquim, Vale do Rio Doce. Essa ação é defendida pelos cidadãos para proteger o patrimônio cultural e histórico da cidade e de Minas. Apesar do movimento ter a participação da Assembleia Legislativa, da prefeitura e do governo do estado, as constantes mudanças de promotores da comarca vêm ocasionando prejuízo e atraso ao andamento do processo. Até quando vamos conviver com esse desrespeito à história de nossa cidade?”

O recorte de jornal está sobreposto a uma faixa larga azul-escura, alinhada à esquerda.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O depoimento de Domingos Xavier está em destaque, escrito com letras azuis, em negrito.

PÁGINA 41

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de uma rua da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, com casas dos dois lados, algumas térreas outras assobradadas, com três pessoas andando no meio da rua. A rua com duas mãos é dividida ao meio por uma linha branca contínua e tem uma lombada zebrada, amarela e preta, ao centro. A calçada do lado direito é estreita, com postes de luz e de sinalização no meio, impedindo circulação de pessoas. Ao fundo, no alto, um morro com vasta vegetação e árvores altas com copas frondosas.

PÁGINA 42

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com duas cartas escritas por Domingos Xavier, alinhadas na vertical, à esquerda, e uma fotografia colorida ocupando a metade direita da página.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Carta redigida em papel branco com letras pretas, destinada ao “Governo do Estado de Minas Gerais”, com a assinatura do Seu Domingos na parte inferior. No canto superior esquerdo, o protocolo de recebimento assinado pelo Governador Aécio Neves da Cunha.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Carta redigida em papel branco com letras pretas, destinada a “Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais”, com a assinatura do Seu Domingos na parte inferior. Em cima da carta, ao centro, um Aviso de Recebimento carimbado pela agência do Correio em 10/02/2011 e assinado pelo destinatário.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida de Domingos Xavier ao lado da Advogada Karla Roque, sorridentes, embaixo de uma grande escultura do artista Amilcar de Castro, no Hall das Bandeiras da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

A escultura de aço com coloração marrom, tem a forma circular, com 6 metros de diâmetro, com o recorte de um triângulo equilátero, ao centro, vazado, formando uma passagem, na frente da entrada principal do prédio. Domingos e Karla estão em cima de

uma grande placa de aço triangular, na mesma dimensão do recorte da escultura, com o vértice apontado para o portão principal.

Karla é uma mulher branca de estatura mediana, com cabelos pretos compridos, repartidos ao meio, penteados para trás e presos, olhos pequenos. Ela usa blusa branca com decote V e mangas longas, calça rosada e sapatos bege de saltos altos e finos. Domingos está à direita; ele é um homem negro, idoso, alto e corpulento, com cabelos pretos um pouco grisalhos, crespos e curtos, penteados para trás; ele usa camisa amarela de mangas curtas, calça cinza sapatos marrons e relógio no pulso. Ao fundo, canteiros com árvores baixas com copas esverdeadas e a imagem desfocada de pessoas.

PÁGINAS 44 e 45

AUDIODESCRIÇÃO: Páginas ilustradas com 4 fotografias coloridas, três pequenas alinhadas à esquerda, na vertical, e uma grande ocupando a metade da página 44 e toda página 45.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida da Escola Municipal Infância Feliz. Em primeiro plano, num jardim gramado, a placa de bronze da inauguração da escola, sobre um pedestal de alvenaria com base de mármore branco, levemente inclinado, com o nome da escola na parte superior e o nome das personalidades políticas na parte inferior. Ao fundo, a fachada branca da escolinha, com duas portas à esquerda, e quatro vitrês à direita. A parede com desenhos coloridos, tem o nome C.E.I. Arlinda Viana, escrito com letras de forma maiúsculas pretas, na parte superior, acima dos vitrês.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A fotografia colorida, em plano detalhe, mostra parte do rosto e as mãos de uma menina, sentada em uma carteira escolar com tampo bege, desenhando em uma folha de papel branco, com lápis de cor. Ela tem a pele morena e as unhas pintadas de cor de rosa. Em cima da carteira uma tesoura, lápis coloridos e um estojo de tecido com zíper.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida de parte do pavimento térreo de um sobrado de esquina, com parede branca, porta de madeira azul com duas folhas, escadinha de cimento na frente, com dois degraus, e três janelas retangulares de madeira, à direita, também azul. Todas as janelas possuem uma pequena bandeira branca retangular e vidro na metade superior e veneziana na metade inferior. Na frente da casa, no meio-fio, uma bicicleta estacionada. Do lado direito, bem na esquina, em cima da calçada estreita, um poste escuro de concreto com a parte inferior pintada de branco; ao fundo, casas e um morro com vegetação esverdeada.

AUDIODESCRIÇÃO 4: Fotografia colorida de Domingos Xavier e Maria Lucia Lima (Dona Lucinha) em uma sala, sentados à mesa, olhando fotografias antigas em preto e branco, da Capela do Bom Jesus, do Cônego Bento Ribeiro Costa, desenhos e documentos da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais. Seu Domingos está em primeiro plano, do lado esquerdo, olhando duas fotografias que segura nas mãos; Dona Lucinha está do lado direito, mais ao

fundo, segurando uma carta manuscrita na mão direita e uma fotografia do Cônego Bento, na outra mão. Em cima da mesa ampla de madeira escura envernizada, várias pastas arquivos abertas, com fotos e documentos plastificados. Sobre a mesa, ao fundo, uma miniatura da Capela do Bom Jesus e uma escultura da Nossa Senhora Aparecida. A sala com paredes azul claro tem uma estante de madeira à esquerda, um vitrô na parede da direita e duas portas ao fundo, com um espelho emoldurado de madeira entre elas.

PÁGINA 46

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de cartelas de selos postais comemorativos do Centenário do Cônego Bento Ribeiro Costa, com um retrato em preto e branco. Ao lado de cada selo com o retrato do Cônego Bento, um selo oficial do Correio do Brasil, colorido, com desenho do Mapa do Brasil preenchido com flores do ipê amarelo, sobreposto a uma Bandeira do Brasil tremulando ao vento.

PÁGINA 47

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cor de laranja, ilustrada com um desenho à mão livre da Capelinha do Bom Jesus, do Padre Bento, com linhas finas bege claro, centralizado. A capelinha tem um portal em arco, ao centro, com duas janelinhas acima, lado a lado, também em arco. O telhado com formato triangular tem uma cruz no topo. O texto logo abaixo do desenho está escrito com letras de forma brancas.

PÁGINAS 48 e 49

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em primeiro plano (do peito para cima) e de perfil, de Domingos Xavier, olhando uma fotografia que segura na mão direita, da Capelinha do Bom Jesus, no alto do Morro do Cruzeiro, com uma torre de transmissão de estrutura metálica bem alta e um cruzeiro, à esquerda. Domingos é um homem negro idoso, com cabelos castanhos crespos e curtos penteados para trás; ele usa camiseta branca de mangas curtas sem gola com bordas estampadas em tons de bege. Ao fundo, imagem desfocada de uma parede verde e um móvel de madeira com vasos e flores coloridas.

PÁGINA 50 e 51

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de Carlin Moura de pé em uma sala com paredes nas cores vermelho e branco, com a mão direita apoiada em uma mesa de trabalho branca. Carlin é um homem negro, tem cabelos pretos curtos penteados para trás. É uma pessoa com deficiência física congênita, não tem o antebraço. Ele usa paletó preto sobre camisa branca, calça jeans e sapatos marrons. Legenda: Carlin Moura: "A carta do Seu Domingos para a Assembleia foi um ato transformador de cidadania"

AUDIODESCRIÇÃO 2: O cabeçalho da página 50 está escrito em duas linhas; a frase da primeira linha está escrita com letras de forma azuis e a palavra movimento na segunda linha está em destaque, escrita com letras cursivas grandes, azuis, com linhas desenhadas.

PÁGINA 52

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de Domingos Xavier sentado em uma cadeira, com o braço esquerdo apoiado em um móvel de madeira, ao lado de sua companheira Dona Marleide, de pé à esquerda, com as mãos nos ombros dele. Dona Marleide é uma mulher negra, de pele clara, alta, com cabelos castanhos curtos penteados de lado, olhos pequenos, nariz largo. Ela usa vestido azul, com comprimento abaixo dos joelhos, estampado com palmeiras brancas, com decote "V" e mangas curtas. Domingos é um homem negro, idoso, com cabelos castanhos crespos e curtos penteados para trás; ele usa camiseta branca de mangas médias, sem gola, com bordas estampadas em tons de bege. Nas paredes ao fundo, dois quadros pendurados, e outro ao centro, em madeira envernizada, com a imagem de Jesus Cristo, esculpida.

PÁGINA 53

AUDIODESCRIÇÃO: O texto da declaração do IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, no canto inferior direito, está em destaque, escrito com letras azuis em negrito.

PÁGINA 54

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada de dia, de baixo para cima, mostra Domingos Xavier de costas, usando uma camiseta branca, com uma fotografia da Capela do Padre Bento estampada, conversando com quatro homens representantes da comissão de cultura da ALMG, do IEPHA, Ministério público de Conceição do Mato Dentro e operadoras. Um dos homens, à direita, usa terno preto e segura documentos. Ao fundo, a Capela do Bom Jesus, com paredes brancas, portas e janelas com moldura azul, um pequeno cruzeiro no topo do telhado e parte de duas torres de telefonia com estrutura metálica, bem altas.

PÁGINA 55

AUDIODESCRIÇÃO: O cabeçalho está em destaque, escrito com letras de forma grandes cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 56

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada em dia ensolarado, de um grupo de pessoas no meio da rua, em uma passeata. Na frente, dezenas de crianças e adolescentes seguram duas faixas brancas, lado a lado, com os dizeres: "Em defesa do patrimônio histórico de Dom Joaquim, manifestamos o nosso apoio para a relocação de antenas de celular."; "Respeito ao nosso patrimônio Relocação Já." Créditos: Ricardo Barbosa/ALMG.

PÁGINAS 58 e 59

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida da sede da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico, órgão do Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Uma casa térrea com paredes na cor bege, com jardim com palmeiras e muro de vidro transparente na frente, uma porta de pedestres e um portão de garagem de metal, tipo

veneziana. No alto da fachada, à direita, o nome da repartição escrito com letras de forma metálicas na cor dourada, em relevo, em três linhas.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O texto está escrito dentro de uma caixa de texto retangular com letras e bordas, azuis. O título na parte superior, está escrito sobre uma tarja azul com letras brancas.

PÁGINA 60

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em plano detalhe de uma cruz de madeira marrom, pendurada na ponta de um terço. Ao fundo, uma parede com molduras brancas e desenhos de arabescos em relevo.

PÁGINA 61

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cor de laranja, com a silhueta do rosto de Domingos Xavier, de lado, feita com a técnica do traço contínuo, branco. O texto abaixo do desenho está escrito com letras de forma, brancas.

PÁGINAS 62 e 63

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida em plano geral, tirada ao entardecer, mostra ao fundo, a Capela do Bom Jesus e uma praça com formato circular na frente, no alto do Morro do Cruzeiro em Dom Joaquim, Minas Gerais, iluminadas por postes com luz branca em todo entorno. A capela tem paredes brancas manchadas e descascadas, um portal em arco, centralizado, com duas janelinhas em cima do campanário, também em arco, todas emolduradas com tijolinhos azuis, e uma cruz no topo do telhado. A praça tem piso de pedras em tons de marrom claro e um jardim central circular, cortado ao meio por um passeio. O busto de bronze do Padre Bento Ribeiro Costa, sobre um pedestal de mármore, retangular está sobre um canteiro à esquerda da capela. Na lateral esquerda, nos fundos da capela, uma edificação baixa com fachada branca arredondada, com três portas. O céu um pouco escurecido, está repleto de pequenos blocos de nuvens acinzentadas; na linha do horizonte, algumas nuvens avermelhadas e uma cadeia de montanhas. A fotografia ocupa as duas páginas.

PÁGINAS 64 e 65

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de Domingos Xavier, sorridente, encostado no pedestal de mármore com busto em bronze do Padre Bento Ribeiro Costa, sobre canteiro gramado ao lado da Capela do Bom Jesus, no alto do Morro do Cruzeiro, em Dom Joaquim, Minas Gerais. Na frente do pedestal, uma placa retangular com o nome do padre, texto com homenagem, data de nascimento e morte, escritos com letras brancas. Domingos é um homem negro, idoso, com cabelos castanhos crespos e curtos penteados para trás; ele usa camisa lilás de mangas curtas, calça e sapatos marrons. O busto retrata um homem com cabelos bem curtos penteados de lado, com entradas, olhos pequenos. Do lado direito, uma calçada de pedras e a fachada da capela com paredes brancas com detalhes azuis.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O cabeçalho da página 64 está escrito em duas linhas; a frase da primeira linha está escrita com letras de forma azuis e a palavra cidadania na segunda linha está em destaque, escrita com letras cursivas grandes, azuis, com linhas desenhadas.

PÁGINA 66

AUDIODESCRIÇÃO Fotografia colorida, em plano americano (dos joelhos para cima), de Domingos Xavier ao lado de Petrina Gonçalves Ribeiro, conversando embaixo da sombra de um caramanchão bem amplo, coberto de galhos e folhagens, galhos de trepadeiras e alguns vasos no entorno. Petrina é uma mulher negra idosa de estatura mediana, com cabelos brancos curtos e crespos penteados para trás, olhos e boca pequenos, nariz largo, com marcas de expressão bem acentuadas na testa e nas pálpebras; ela usa blusa azul de tricô de mangas longas no comprimento dos joelhos, com botões abertos na frente, sobre vestido com estampa floral, multicolorido. Domingos é um homem negro, idoso, alto e corpulento, com cabelos pretos um pouco grisalhos, crespos e curtos, penteados para trás; ele usa camisa vermelha de mangas curtas e calça cinza.

PÁGINA 68

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da cintura até o ombro, de um jovem de lado, com uma tatuagem da capelinha do Padre Bento, desenhada à mão livre, na parte de trás do braço. Ele usa camiseta escura de mangas curtas. A capelinha com formato retangular tem um portal com duas janelinhas em cima do campanário, ambas em arco, e telhado triangular com uma pequena cruz no topo. Do lado direito, uma cruz, mais alta que o telhado da capela.

PÁGINA 69

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de nove jovens, de perfil, alinhados e encostados uns nos outros, todos sorridentes, com os cotovelos levemente flexionados, exibindo o desenho da capelinha do Padre bento tatuado na parte de trás do braço. As três mulheres estão viradas para esquerda exibindo a tatuagem no braço; os seis homens estão virados para a direita, exibindo a tatuagem no braço direito. Na parede, ao fundo, um painel com desenhos coloridos de jovens praticando esporte.

PÁGINA 70 e 71

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida um pouco esbranquiçada por neblina, do busto em bronze do Padre Bento Ribeiro Costa em cima de um pedestal de mármore preto iluminado pela luz amarela de um poste, à direita, ao lado da Capela do Bom Jesus, no alto do Morro do Cruzeiro, Dom Joaquim, Minas Gerais. Na frente do pedestal uma placa retangular com o nome do padre, texto com uma homenagem, data de nascimento e morte, escritos com letras brancas. O busto de bronze retrata um homem com cabelos bem curtos penteados de lado, com entradas, olhos pequenos. Ao fundo, à direita, uma parede branca; à esquerda, um poste alto e a copa frondosa de uma árvore. A fotografia ocupa toda página 70 e metade da página 71.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O cabeçalho da página 71 está escrito com letras de forma grandes, cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 72

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com três fotografias coloridas com formato retangular, centralizadas na página, duas pequenas alinhadas à esquerda, em uma fila vertical e uma grande, alinhada à direita. Da esquerda para a direita, são elas:

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia de Maria Lucia Lima (Dona Lucinha), em um quarto, sentada nos pés de uma cama de casal, com as pernas cruzadas olhando uma fotografia, dentro de um cartão grande com dobra no meio, com ilustração na capa. Dona Lucinha é uma mulher branca, idosa, com cabelos ruivos, curtos e volumosos, repartidos ao meio, olhos pequenos, nariz afilado e boca pequena. Ela usa blusa cor de vinho com decote redondo, com mangas curtas e calça cinza. Em cima da colcha verde da cama, duas pastas arquivo abertas, com várias fotografias espalhadas. Na cabeceira de madeira da cama, ao fundo, duas almofadas redondas, douradas, lado a lado.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia em plano americano (dos quadris para cima) de Maria Amélia Souza, auxiliar de manutenção e limpeza da Capela do Padre Bento, de pé, com as mãos na frente do corpo, na frente de uma porta de vidro com molduras brancas. Ela é uma mulher negra, idosa, com cabelos curtos e crespos, rosto retangular, olhos castanhos grandes e nariz largo. Ela usa blusa de malha fina bege com botões dourados, sobre uma camiseta estampada branca e preta com gola redonda.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida, em plano americano (dos quadris para cima, de Cândida da Silva Dutra, coordenadora pedagógica, de pé, com as mãos nos quadris, sorridente, entre duas muretas, dentro de uma escola. Ela é uma mulher negra de pele clara, com cabelos castanhos, curtos e crespos, na altura dos ombros, repartidos ao meio, rosto ovalado, olhos pequenos, nariz largo e boca grande. Ela usa colete cinza com botões na frente, sobre blusa de malha também cinza de mangas compridas, calça jeans, cachecol de tricô branco e óculos de grau com armação oval, grande. Ao fundo, uma parede com desenhos à mão livre de uma criança sentada em chão gramado, segurando balões, paisagens de montanhas, carimbos de mãos coloridas, ovos e um coração.

PÁGINA 74

AUDIODESCRIÇÃO: O depoimento de Maria de Assis está escrito com letras azuis grandes, em negrito.

PÁGINA 75

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de Domingos Xavier conversando com Maria de Assis Santos, ex-zeladora da Capelinha, em uma varanda. Domingos está em primeiro plano, de perfil, sentado em uma cadeira encostada na parede, olhando para Dona Maria que está sentada ao fundo, em outra cadeira, olhando para ele. Dona Maria é uma mulher negra de pele clara, idosa, com cabelos brancos compridos e crespos, penteados para trás. Ela usa blusa de malha quadriculada, branca e cinza, de mangas compridas, lenço

azul com pontinhos brancos no pescoço e tem uma bengala ao lado da cadeira. Domingos é um homem negro, idoso, corpulento, com cabelos pretos curtos e crespos, penteados para trás. Ele usa camisa vermelha de mangas curtas, calça cinza e relógio de pulso com pulseira dourada. Ao fundo, uma parede azul à direita, com um cruzeiro branco pendurado e duas prateleiras no canto, com vasos e plantas com folhagens; do lado esquerdo uma porta aberta de um cômodo, com um homem sentado à mesa forrada com toalha branca. No topo da porta um adorno branco em formato de estrela.

PÁGINA 76

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um casarão de esquina com paredes amarelas, com três portas retangulares azuis na fachada frontal, à esquerda, e três portas na fachada lateral direita, também azuis. As portas têm duas folhas e uma abertura quadrada na parte superior para entrada de claridade e ventilação. Na fachada frontal, à esquerda, uma trepadeira com flores roxas e muitas folhas, pende do telhado cobrindo a parte superior da parede. A calçada na lateral direita do casarão em um nível mais alto que a rua, tem um guarda-corpo de ferro vazado em toda extensão. Em cima da calçada, na quina do casarão, um vaso repleto de plantas espada de São Jorge, com folhas verdes com manchas brancas, compridas e pontiagudas, dispostas verticalmente, com formato de uma espada. Em primeiro plano, uma bicicleta encostada na grade da calçada.

PÁGINA 77

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo cor de laranja, ilustrada com um desenho à mão livre da Capelinha do Bom Jesus, do Padre Bento, com linhas finas bege claro, na parte superior, alinhada à direita. A capelinha tem um portal em arco, ao centro, com duas janelinhas acima, lado a lado, também em arco. O telhado com formato triangular tem uma cruz no topo. O texto logo abaixo do desenho está escrito com letras de forma brancas.

PÁGINAS 78 e 79

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em plano geral, tirada ao anoitecer, com céu encoberto de nuvens densas com manchas avermelhadas, do alto do Morro do Cruzeiro, na cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais. Em primeiro plano, uma extensa escadaria de pedra em declive acentuado, na encosta do morro, iluminada por luzes amarelas embutidas nas muretas laterais. A escada dá acesso à Capela do Bom Jesus. Ao centro, a pequena cidade de Dom Joaquim numa região de vale, com ruas arborizadas, casas, estabelecimentos comerciais e estrada, completamente iluminada, com destaque para a grande torre da igreja Matriz São Domingos de Gusmão com a cruz no topo iluminada. Ao fundo, a silhueta escura de uma cadeia de montanhas.

PÁGINA 80

AUDIODESCRIÇÃO: O título do cabeçalho está escrito em duas linhas; a frase da primeira linha está escrita com letras de forma azuis e a frase "não se abala", na segunda

linha, está em destaque, escrita com letras cursivas grandes, azuis, com linhas desenhadas.

PÁGINA 82

AUDIODESCRIÇÃO:

Fotografia colorida, em plano detalhe, da parte central da porta azul da Capelinha do Padre Bento, fechada. A porta de madeira com ranhuras verticais, tem duas folhas almofadadas, com quadros, duas janelas circulares vazadas, uma de cada lado, centralizadas. Ao centro, uma grande fechadura estilo colonial com espelho alongado, cor de cobre, patinado, com desenhos em relevo nas extremidades, semelhantes a uma coroa. Na parte inferior da fechadura a alça do puxador.

PÁGINA 83

AUDIODESCRIÇÃO: O título do cabeçalho está escrito com letras de forma grandes, cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 85

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, tirada de noite, mostra várias pessoas reunidas no meio da rua, dançando. A maioria de mulheres e crianças usa camisetas e shorts coloridos. Duas mulheres seguram uma faixa amarela no alto, com os dizeres: BLOCO DA RETIRADA DAS ANTENAS DE DOM JOAQUIM, MINAS GERAIS, escrito com letras de forma maiúsculas, pretas.

PÁGINA 86

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada em dia de céu azul com nuvens esbranquiçadas, do Complexo da Barragem, ponto turístico e um dos cartões postais do município de Dom Joaquim, Minas Gerais. Do lado esquerdo uma extensa cachoeira formada pela queda d'água do Ribeirão Folheta que escorre do alto, sobre um paredão de pedras vertical, com aproximadamente 6 metros de altura, com vários desníveis, como se fossem degraus, formando uma cortina de água esbranquiçada. Em primeiro plano, um grande reservatório forma um piscinão com águas esverdeadas. Do lado direito da barragem, na encosta de um morro com vegetação esverdeada, um paredão de concreto com o desenho de uma grande asa colorida, com a frase: "Asas para voar, raízes para voltar e motivos para ficar." Na parte inferior desse paredão, uma pequena queda d'água em declive, corre por uma valeta com paredes de concreto na encosta da montanha.

PÁGINA 87

AUDIODESCRIÇÃO 1: O título do cabeçalho está escrito com letras de forma grandes, cor de laranja, sobre uma tarja bege.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A frase de Dona Lucinha no canto inferior esquerdo, está escrito com letras azuis, em negrito.

PÁGINA 88

AUDIODESCRIÇÃO 1: Página da internet do site globo.com, com a seguinte manchete na parte superior: “MP determina retirada de antenas de igreja matriz de Matias Cardoso.” Logo abaixo uma fotografia colorida da igreja com uma torre alta, à direita, e o texto da reportagem sobre a cidade de Matias Cardoso, que obteve parecer judicial favorável para a remoção de antenas de telefonia.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Página com fundo cinza da Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico, Ano XV – Número 88 – fevereiro e março de 2020, com os nomes dos Editores, Diretores, Conselho Editorial e Colaboradores. No canto superior direito o número ISSN 2175-1994. Legenda: Artigo sobre o caso, publicado em renomado periódico jurídico.

PÁGINA 89

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com três fotografias coloridas tiradas do alto do Morro do Cruzeiro em Dom Joaquim, Minas Gerais, em dia de céu azul com nuvens acinzentadas.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia da Capela do Bom Jesus com paredes brancas, com um portal em arco, centralizado, com duas janelinhas em cima, lado a lado, do campanário, também em arco, ambas com moldura de tijolinhos azuis. Do lado esquerdo, uma torre alta de estrutura metálica. Em primeiro plano, a praça da capela com jardim esverdeado e passeio com piso de pedra, marrom.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia em plano detalhe do topo da torre de telefonia, com estrutura metálica, com uma grande antena de transmissão com formato retangular inclinada para baixo, na diagonal.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia em plano detalhe, de ferragens da torre metálica de telefonia em cima do gramado do jardim, do lado esquerdo da Capela do Bom Jesus.

AUDIODESCRIÇÃO 4: O título do cabeçalho está escrito com letras de forma grandes, cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 90

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida tirada de baixo para cima, em dia de céu nublado, da extensa escadaria na encosta do Morro do Cruzeiro, que dá acesso a Capela do Bom Jesus. A escada com vários patamares, tem o piso e as muretas laterais revestidas com pedras São Tomé em tons de marrom e várias luminárias embutidas na mureta, à esquerda, acesas. No alto da escada, ao fundo, a parte superior da fachada da capela, com duas janelinhas em arco do campanário e o telhado com formato triangular com uma cruz no topo.

PÁGINA 91

AUDIODESCRIÇÃO: O título do cabeçalho está escrito com letras de forma grandes, cor de laranja, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 93

AUDIODESCRIÇÃO: Página ilustrada com quatro fotografias coloridas, de pessoas da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, duas na parte superior e duas na parte inferior, lado a lado. Da esquerda para a direita, são elas:

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de Fernanda Ferreira Salvador, Secretária Municipal de Turismo e Cultura, sentada à mesa, com as mãos sobrepostas à frente, apoiadas em cima da mesa. Fernanda é uma mulher branca com cabelos pretos compridos, penteados de lado, olhos castanhos. Ela usa uma blusa de crochê verde, de gola alta e mangas curtas. Ao fundo, atrás da cadeira, as bandeiras do Brasil, Minas Gerais e da Secretaria Municipal, presas em mastros, apoiadas no chão. Créditos: Kimberly Tainá.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida de Flávia Elaíse Salvador, Secretária Municipal da Fazenda de Dom Joaquim, sentada à mesa de reunião, cinza, na cabeceira, com as mãos apoiadas na mesa. Flávia é uma mulher branca, com cabelos pretos compridos e lisos, na altura dos ombros, penteados de lado, olhos e boca pequenos. Ela usa blusa branca com listras finas azuis, com gola redonda e mangas compridas, óculos de grau com armação oval grande, anel e corrente no pescoço. Nas paredes, ao fundo e lateral, vários quadros alinhados, lado a lado, com retratos de executivos da secretaria.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida de Cláudio Celestino, engenheiro, com os braços apoiados sobre a grade marrom com arabescos na frente de um casarão com paredes amarelas, olhando para o lado direito. Ele é um homem branco com a cabeça raspada, olhos pequenos, com barba e bigode grisalhos, curtos. Ele usa camisa azul com mangas compridas dobradas até os cotovelos e relógio de pulso com pulseira preta. O casarão ao fundo tem três portas azuis com duas folhas cada, fechadas, com uma abertura quadrada na parte superior.

AUDIODESCRIÇÃO 4: Fotografia colorida, em plano americano (das coxas para cima), tirada de dia, do professor Benoni de Assis, na porta de uma casa com paredes brancas e vermelhas. Benoni é um homem negro de pele clara, idoso, com cabelos grisalhos bem curtos, com entradas. Ele usa blusa de malha azul escuro, com gola alta, mangas compridas e calça jeans.

PÁGINAS 94 e 95

AUDIODESCRIÇÃO: Páginas ilustradas com quatro fotografias coloridas, de pessoas públicas da cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais, duas na parte superior e duas na parte inferior, lado a lado. Da esquerda para a direita, são elas:-

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de Geraldo Adilson Gonçalves (Dilsinho), prefeito, sentado à mesa de trabalho, segurando uma caneta, sorridente. Ele é um homem moreno com cabelos pretos curtos, ondulados e volumosos na frente, repartidos ao meio, sobrancelhas espessas. Ele usa camiseta polo, cor de rosa. Em cima da mesa uma folha de papel com anotações; à esquerda, agenda e cadernos empilhados. Ao fundo, atrás da cadeira, as Bandeiras do Brasil, de Minas Gerais e de Dom Joaquim, em mastros, apoiadas no chão.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida de Romani Thomaz Frois, ex-prefeito, sentado em uma cadeira com o corpo levemente inclinado para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos à frente, sobrepostas, sorridente. Romani é um homem branco de pele morena, corpulento, testa larga, com cabelos brancos curtos e ondulados, penteados para trás, olhos pequenos profundos. Ele usa blusa preta com gola alta, com mangas compridas arregaçadas e calça preta. Ao fundo, uma cortina bege.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida de Marcelo Azevedo Maffra, promotor, sentado à mesa, segurando a folha de uma pasta arquivo de papel verde, aberta em cima da mesa com tampo de vidro, com olhar sereno. Ele usa paletó cinza desabotoado, sobre camisa branca e gravata bordô.

AUDIODESCRIÇÃO 4: Fotografia colorida, em primeiro plano (do peito para cima), do Padre Mário Gomes dos Santos, de perfil para direita, com a cabeça levemente inclinada para trás, e o olhar para cima. Ele é um homem negro, corpulento, rosto arredondado, com a cabeça raspada. Ele usa camisa clerical branca com gola alta.

AUDIODESCRIÇÃO 5: O texto do lado direito das fotografias está escrito dentro de uma caixa de texto retangular, com bordas e letras, azuis; o título está escrito com letras brancas sobre uma tarja azul. Na parte inferior, logo abaixo do texto, desenho à mão livre com traços finos azuis, da capela do Bom Jesus.

PÁGINAS 96 E 97

AUDIODESCRIÇÃO: Linha do Tempo intitulada: *A trajetória vitoriosa da mobilização popular*, ilustrada com miniaturas de fotografias coloridas, que retratam os acontecimentos no período de 2007 a 2020, relacionados ao processo de mobilização e retirada das antenas de telefonia do Morro do Cruzeiro, ao lado da Capela do Padre Bento, na cidade de Dom Joaquim, Minas Gerais. A linha do tempo é composta por uma linha horizontal larga em tons cor de rosa e azul, de uma extremidade a outra das páginas, centralizada, dividida em oito partes; dentro de cada divisão o ano de registro do acontecimento, uma fotografia ou documento, dispostos na parte superior e inferior da linha horizontal. Da esquerda para direita são eles:

2007: Duas cartas registradas, uma do cartório de Registro de Móveis e outra da Comarca de Conceição de Mato dentro. Legenda: Tramitação para instalação das antenas.

2008: Duas fotografias coloridas, lado a lado; na primeira, à esquerda, dezenas de pessoas de mãos dadas ao redor da Capela do Padre Bento, em um abraço simbólico para retirada das antenas. A outra foto, tirada de baixo para cima, mostra a frente da Capela com paredes brancas, portal e janelinhas do campanário em arco, a cruz no topo do telhado e à esquerda, duas torres de telefonia bem altas, com estrutura metálica em formato piramidal. Legenda: Domingos Francisco Xavier começa o movimento.

2009: Duas cartas redigidas e assinadas por Domingos Xavier. Legenda: Cartas enviadas para os Deputados e Governadores.

2010: Duas fotografias coloridas e documentos.

Audiodescrição 1: Fotografia do Seu Domingos conversando com representantes da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e do IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, em frente a Capela do Padre Bento. Legenda: Visita da ALMG em Dom Joaquim. Legenda: Nota Técnica do IEPHA;

Audiodescrição 2: Duas cartas redigidas e assinadas por Domingos Xavier. Legenda: Ação Civil Pública;

Audiodescrição 3: Fotografia de Domingos Xavier no meio de uma rua da cidade de Dom Joaquim, à frente de dezenas de pessoas em um movimento popular para retirada das antenas de telefonia. Na frente dos manifestantes, duas faixas brancas com frases pedindo a retirada das antenas e a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. Legenda: Proposta do TAC.

2012: Panfleto ilustrado com fotografias da Capela do Padre Bento com duas antenas de telefonia bem altas à esquerda, no alto do Morro do Cruzeiro e desenho estilizado de pessoas com os braços abertos comemorando; no cabeçalho a seguinte manchete: "Marchinha da solidariedade tira antenas da Capela do Padre Bento." No rodapé o anúncio: Carnaval de Dom Joaquim – fevereiro de 2012. Legenda: Operadoras perdem dois recursos.

2013 a 2019: Panfletos, Artigo de jornal e cartazes. 1º.) Panfleto colorido com a manchete: Levante esta bandeira. Ao lado uma Bandeira com a fotografia da Capela do Padre Bento presa em um mastro; 2º.) Página de jornal com a fotografia da capela do Padre Bento com as antenas à esquerda, e a manchete: "Pecado da Invasão."; 3º.) Panfleto ilustrado com várias fotografias da Capela do Padre Bento, com a manchete: "Pede socorro minas, Brasil e o mundo...marco histórico da cidade."; 4º.) Cartaz com duas fotografias da capela com as duas torres de telefonia à esquerda; 5º.) Cartaz comemorativo dos 68 anos da cidade, ilustrado com uma fotografia grande, com formato retangular, da Capela do Padre Bento, ao centro, e várias fotografias com formato oval, ao redor, das atrações. Legenda: Movimentos na cidade.

2019: Letra da marchinha de carnaval intitulada: "Vencemos (Tiraram as antenas da Capela do Padre Bento). Legenda: Sentença favorável do STJ.

2020: Fotografia colorida de ferragens das antenas de telefonia em fase de desmonte, sobre o jardim gramado ao lado da capela. Legenda: Retirada das antenas.

PÁGINA 98 E 99

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em plano geral, tirada de dia, do alto do Morro do Cruzeiro em Dom Joaquim, Minas Gerais, com vegetação rasteira baixa e esverdeada. Ao centro, um extenso vale, com vilarejo de casas térreas, ruas arborizadas e chácaras. Ao fundo uma cadeia de montanhas com florestas naturais, florestas plantadas e algumas áreas desmatadas, com altitudes diferenciadas.

PÁGINA 100

AUDIODESCRIÇÃO: O título do cabeçalho está escrito com letras de forma grandes, azul, sobre uma tarja bege.

PÁGINA 101 E 102

AUDIODESCRIÇÃO: Páginas com fundo branco, ilustradas com várias palavras em posições aleatórias, escritas com letras de forma e cursivas com tamanhos variados, na cor cinza claro, com destaque para as palavras Capela, no canto superior esquerdo, e História, centralizada e alinhada à direita, escritas com letras cursivas garrafais, com linhas desenhadas.

CONTRACAPA

AUDIODESCRIÇÃO: A contracapa com fundo azul escuro, ilustrada com várias palavras escritas com letras de forma e cursivas com tamanhos variados, na cor azul claro, com destaque para as palavras Capela, História e Memória, escritas com letras cursivas garrafais, com linhas desenhadas. No rodapé, à esquerda, os logotipos dos realizadores compostos por desenhos e letras, brancas; à direita, o código de barras ISBN 978-65-5872-446-9.